MARCOS REY

UM CADÁVER OUVE RÁDIO

UM RELATO COM MUITA PALIDEZ, GAGUEIRA E COPOS DE ÁGUA

Foi mais ou menos assim que o pequeno Muriçoca, pálido, trêmulo, gaguejando, contou ao delegado distrital, doutor Arruda, depois de tomar um copo de água numa única e febril virada:

— Parei na entrada da construção por causa da chuva. Fiquei lá um tempo e então subi as escadas.

— Por que subiu?

— À procura de emprego, doutor. Estou sempre tentando.

— Você mora numa casa de cômodos perto da obra. Não sabia que está paralisada há muito tempo?

A pergunta agiu como uma prensa: hesitante, Muriçoca pareceu ainda menor e mais desamparado na delegacia. Olhou para o copo vazio sobre a mesa, suplicando mais água. Aquilo era medo.

— Sabia ou não sabia? — exigiu Lima, o investigador que acompanhava o depoimento.

— Sabia — confirmou o rapaz, juntando os punhos, culposamente à espera das algemas.

— Para que então pretendia pedir emprego numa obra abandonada? — perguntou o delegado.

— Ouvi um rádio lá em cima.

Fácil lembrar. A cena ficara impressa na memória de Muriçoca como um teipe de televisão que se pode rever muitas vezes, mas não conseguia, com desembaraço, transformá-la em palavras. Era um frevo saltitante, gostoso. Lembrava-o Pernambuco, sua terra. Quem sabe um coestaduano, vigia do

prédio, desse-lhe uma colher de chá. Como dissera ao delegado, estava sempre tentando. Aspirando forte cheiro de cal, galgou os degraus, não revestidos, de uma escada. Chegou ao primeiro andar. Não viu ninguém. Orientado pela música — agora era um xaxado — dirigiu-se a um apartamento, ainda sem porta. Viu-se numa sala onde se acumulavam sacos de cimento e outros materiais de construção. Parou e bateu palmas. Nenhuma resposta.

— Quero falar com o vigia — disse em voz alta.

Se ele saiu para tomar um café, por que o rádio ligado?, perguntou-se o rapaz. Atravessou uma sala e penetrou num cômodo escurecido por um cobertor fixado à janela para bloquear a entrada da luz. O rádio, de pilha, estava sobre alguns tijolos. Na penumbra viu uma espiriteira, um colchão velho, alguns folhetos coloridos e...

— Um homem, caído de costas, com a camisa toda ensangüentada. E havia também grandes manchas de sangue pelo chão.

O delegado observava-o com a experiência profissional de quem não acredita em tudo que ouve. Muitos criminosos são os primeiros a *achar* suas vítimas.

— Quando foi isso?

— Hoje cedo, às oito horas, mais ou menos.

— Por que demorou tanto para vir?

Muriçoca contraiu-se todo como se fosse aquela a pergunta mais temida. O investigador olhou maliciosamente para o delegado, prevendo, com a pergunta, a possibilidade de uma confissão. Às vezes o sentimento de culpa já nasce com o endereço da delegacia.

— Andei marombando por aí, parando nas esquinas, tomando café nos botecos, me molhando na chuva.

— Você não respondeu, moço — disse doutor Arruda, enérgico.

Muriçoca baixou a cabeça, o queixo no peito, os punhos de novo prontos para as algemas.

— Medo de me encalacrar, doutor. O pobre sempre é suspeito de alguma coisa, inda mais quando tem um cadáver por perto.

LEO CHEGA AO LOCAL DO CRIME

Leo Fantini, vestindo o uniforme de mensageiro do Emperor Park Hotel, foi um dos primeiros moradores do bairro, Bela Vista, a comparecer ao local do crime.

O pedido, por telefone, feito pelo próprio delegado, surpreendeu-o.

— Podia deixar o hotel por uma hora e vir ao Bexiga reconhecer o corpo dum homem assassinado?

— Conheço essa pessoa, doutor?

— Informaram que se trata de amigo de sua família. Se tivesse telefone em casa, convocaria seu pai. Anote o endereço.

Leo, atendendo ao telefonema no balcão da portaria do Park, ficou tenso.

— Quem foi assassinado?

— O Alexandre.

Leo, aliviado:

— Não conheço nenhum Alexandre.

— O vigia duma obra paralisada.

— Não conhecemos vigia de obra alguma, doutor.

— Mesmo assim venha.

Leo pediu licença ao Percival, o gerente do hotel, saiu, e perguntou ao Guima, o porteiro:

— Conhece no Bexiga um vigia de obra chamado Alexandre?

— Não — respondeu Guima, antigo morador do bairro e dono de boa memória.

— Seja quem for, mataram o coitado.

Ao chegar ao endereço, ditado pelo doutor Arruda, Leo viu um edifício de cinco andares em construção. Costumava passar por ele quando ia com sua mãe à igreja da Achiropita O delegado realmente se enganara: jamais vira algum vigia daquela obra.

Havia uma viatura da polícia parada diante do prédio, já observado por alguns curiosos. Leo pagou o táxi e dirigiu-se a um policial.

— Doutor Arruda?

— No primeiro andar com o pessoal da Técnica. Vá entrando.

Leo subiu um lance de escadas, ouvindo vozes. Na sala de um apartamento em construção, entre alguns policiais, o delegado conversava com um rapaz baixo e magro, muito pálido e assustado. Um investigador, o Lima, olhava-o, atento, como se temesse sua fuga. Aproximou-se.

— Obrigado por ter vindo, Leo — disse o delegado. — Conhece este moço?

— Acho que não — respondeu o mensageiro após breve exame.

— Chama-se Muriçoca e mora numa casa de cômodos da vizinhança. Foi quem descobriu o corpo. Diz que veio procurar emprego. Nunca o viu mesmo, Leo?

— Não.

— Leve-o de volta à delegacia — ordenou o doutor Arruda ao Lima. — Mande levantar a ficha dele e examine os documentos.

— Se tudo estiver correto, devo liberá-lo depois?

— Espere eu voltar. Quero interrogá-lo mais um pouco.

Lima desceu as escadas com os cinco dedos apertando o braço do trêmulo Muriçoca. Um repórter fotográfico, que subia, bateu uma foto dos dois. Alguém comentou que o criminoso já havia sido apanhado.

— Como disse pelo telefone não conheço nenhum vigia de obra — declarou Leo ao delegado.

— O empreiteiro informou que não era propriamente um vigia. Não tinha salário. Permitiam que dormisse aqui para que barrasse a entrada de marginais. Acompanhe-me.

Doutor Arruda levou o rapaz ao quarto vizinho onde o pessoal da Polícia Técnica fazia o trabalho de rotina. O

Leo logo viu o corpo estendido. Bastava aquela inseparável camisa verde, puída e desbotada, para reconhecê-lo.

cobertor fora retirado da janela. Leo logo viu o corpo, o rosto colado no chão e coberto pelo braço direito, estendido. Mas bastava aquela inseparável camisa verde, puída e desbotada, para reconhecê-lo. O delegado estava certo: era de fato um antigo conhecido dos Fantini.

— Nunca soube que se chamava Alexandre.

— Alexandre de Souza. Tinha uma cédula de identidade no bolso.

— Para nós e para o bairro todo era apenas o Boa-vida.

— Quando o viu pela última vez?

— Almoçou ontem em casa. Ia lá, às vezes, aos domingos. Era nordestino mas gostava muito do macarrão e das bracholas da mamãe.

Leo deu alguns passos para o interior do quarto. Lá estava a espiriteira que dona Iolanda dera a Boa-vida em troca de uma subida ao telhado para ajustar a antena de televisão. O colchão, presente de tia Zula. Viu duas xícaras com restos de café. Pontas de cigarros espalhadas pelo chão. Ah, aquilo era importante para Boa-vida — folhetos de roteiros turísticos! Sua leitura predileta. Costumava dizer que, se um dia fizesse os 13 pontos da loteca, partiria numa viagem ao redor do mundo. Abaixou-se e apanhou um dos folhetos para guardar como lembrança daquele que tanto divertira os Fantini com sua música, suas manhas e seu papo engraçado.

— Mataram para roubar? — perguntou ao delegado.

— Não houve roubo — respondeu o doutor Arruda. — O rádio está ali e encontramos dinheiro em seu bolso. Um ladrão teria levado tudo. Até a espiriteira.

Leo continuava olhando para os míseros pertences de Alexandre. Viu cabides com roupas muito usadas. Discos amontoados num canto. Uma caneca de ágate. Exemplares antigos de revistas. Mas faltava alguma coisa. Algo muito ligado à vida e personalidade do assassinado. Tão importante como sua própria sombra. Lembrou-se, afinal.

— E a sanfona, doutor?

— Não havia aqui nenhuma sanfona.

— Mas Boa-vida tinha uma! Pergunte a todos que o conheciam. Não a levou domingo, mas ainda esta semana passou pela porta de casa com ela.

— Aqui ninguém buliu em nada — disse o delegado. — Tudo está como foi encontrado. Se havia sanfona, desapareceu.

Leo começou a interessar-se pelo caso ao tirar a primeira conclusão:

— O senhor disse que o motivo não foi roubo. Mas foi. Procurem quem roubou a sanfona e encontrarão o assassino.

QUEM ODIARIA UM SANFONEIRO?

O doutor Arruda aceitou a hipótese de Leo. O rapaz tinha mesmo boa cabeça para detetive, demonstrada outras vezes. Queria, porém, mais informações sobre Alexandre. O mensageiro precisava voltar ao hotel. Prontificou-se a levá-lo num carro policial, os dois no banco traseiro.

— Vocês papeavam muito?

— Boa-vida falava demais até com dor de dente. O homem mais alegre e falador que já vi. E se trazia a sanfona fazia a festa sozinho.

— Não teria vendido a sanfona?

— Posso apostar que não. Seria como vender a própria alma. Graças a ela ganhava algum dinheiro nos forrós, restaurantes e festas do bairro.

— Domingo estava preocupado, diferente dos outros dias? — quis saber o delegado.

Leo sacudiu a cabeça, impossibilitando qualquer dúvida.

— Só mostrava preocupação com a loteca. No sábado acertara duas zebras e fazia fé nos 13 pontos. Não que fosse um jogador. O que queria era viajar. Sabe que um dia

fez uma ligação telefônica para Roma? E só pelo prazer de falar com uma terra distante. Parece até loucura, não?

O delegado precisava de informações mais quentes e práticas.

— Por acaso tinha inimigo?

— Se tinha, nunca se referiu a ele — respondeu Leo com ar saudoso. — Quem odiaria um sanfoneiro?

— Talvez outro sanfoneiro — respondeu doutor Arruda com um sorriso.

— Boa-vida não fazia muita concorrência aos outros.

O delegado fez outra pergunta direta:

— A que horas saiu ontem de sua casa?

— Às quatro, logo após o almoço. Mais cedo que habitualmente. Estava com um pouco de pressa.

— Por quê?

— Tinha marcado um encontro.

— Isso interessa. Com quem?

— Não disse — respondeu Leo em tom lamentoso.

— Provavelmente com o próprio assassino — arrematou o delegado. — Chegamos ao hotel. Dê um abraço no seu primo Gino. E obrigado pelas informações. Nós vamos pegar o homem.

Leo entrou no hotel, dirigindo-se à portaria. Quando foi guardar o folheto turístico de Boa-vida, num dos casulos de correspondência, notou pelo tato que havia algo mais rígido e solto entre suas páginas coloridas. O que era aquilo?

LÁGRIMAS QUE DECIDEM

Já na casa do primo Gino, que, sentado na cadeira de rodas, ouvia a tudo atentamente, Leo mostrou o seu achado.

— Estava dentro do folheto de turismo.

— Um cartão da loteca.

— Jogava todas as semanas. Uma vez fez 12 pontos. Quase sofreu um colapso.

— Quantos pontos teria feito desta vez?

— Não contei.

Tia Zula, mãe de Gino, entrou com o café. Era uma mulher alegre mas naquele fim de tarde não estava com boa cara, os olhos muito vermelhos. O filho acariciou-lhe o braço.

— Ela gostava muito de Boa-vida. Aquele pau-de-arara sabia agradar as pessoas embora quase sempre por interesse.

— Não era tão interesseiro — retrucou Zula. — Lá na cantina, onde trabalho, tocava sanfona e cantava em troca dum simples prato de comida. Uma vez quiseram contratá-lo por três meses. Recusou. Detestava compromissos.

— Ía mesmo falar da sanfona — lembrou Leo. — Foi o único objeto de propriedade de Boa-vida que desapareceu. Provavelmente mataram-no apenas para roubá-la.

— Era uma concertina caindo aos pedaços — lembrou tia Zula. — Ninguém daria nada por ela.

— O delegado acha que o assassino pode ter sido outro sanfoneiro — disse Leo. — Um ladrão qualquer levaria também o rádio e o dinheiro.

Gino sorriu, desanimado.

— Quantos sanfoneiros existem em São Paulo? Impossível procurar entre eles o criminoso. Escrevam: a polícia vai arquivar o caso. Afinal roubaram uma concertina, não um instrumento raro, um violino Stradivarius.

A conclusão pessimista do filho fez mal à sentimental tia Zula, cujos olhos ficaram ainda mais vermelhos.

— Será que a pessoa que matou Boa-vida vai continuar livre pelas ruas?

— Às vezes — confortou-a Gino — dá uma sorte e a polícia pega o culpado por acaso.

Zula continuava sofrendo.

— Quando a vítima é importante todos se mexem. Qualquer pista ajuda. Os jornais falam, a televisão mostra. Mas quando o coitado não tem onde cair morto só o acaso pode fazer justiça.

Zula estava revoltada e triste. E fazia enorme esforço para reter uma lágrima que teimava em rolar-lhe pelo rosto.

Gino e Leo olharam Zula e depois entreolharam-se. Ela estava revoltada e triste. E fazia enorme esforço para reter uma lágrima que teimava em rolar-lhe pelo rosto. Como não tivesse um lenço à mão, saiu às pressas da sala.

— Não sabia que tia Zula gostava tanto de Boa-vida — disse Leo.

— Eu também não — declarou Gino.

Fez-se um silêncio comprido e então Leo tornou a falar.

— E ela tem razão. Quem vai se preocupar com o assassinato de um homem que morava numa obra em construção abandonada? E parece que nem nós, que o conhecíamos, não estamos muito preocupados.

Zula voltou à sala. Seus olhos evidenciavam que havia chorado. Mas estava mais calma.

— O melhor que temos a fazer é esquecer — disse.

Gino mexeu-se na cadeira.

— Quem sabe a gente possa estudar esse caso — declarou. — Embora nos falte um ponto de partida. O que acha, primo?

Leo sorriu, era justamente o que desejava ouvir. E Zula sorriu para os dois, acrescentando para ser agradável ao sobrinho:

— E chamem também aquela mocinha bonita, a Ângela. Ela é esperta e tem boas idéias.

— Por onde devemos começar, primo?

Gino, ainda frio, mas para não decepcionar Zula e Leo, pensou, fez a cadeira de rodas rodar em torno da mesa, criou certa expectativa e depois puxou o que poderia ser o fio da meada.

— Como era a sanfona de Boa-vida? Alguma particularidade?

— Não lembro — disse Leo.

Tia Zula queria mesmo ver o criminoso atrás das grades.

— Lá na cantina temos uma parede com fotografias dos artistas. Boa-vida também está lá com a concertina.

— Gostaria de vê-la, mãe.

— Vou buscá-la loguinho. Era tão velha que não se parece tanto assim com as demais.

Tomada essa providência, Gino lembrou-se de fazer uma pergunta que desde o início trazia na garganta.

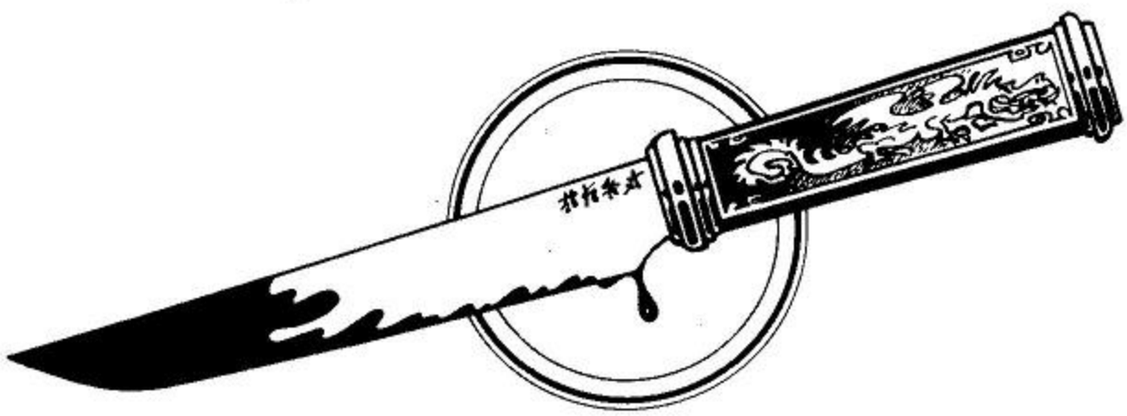
— Que arma foi usada?

Leo ergueu e abandonou os braços.

— Que cabeça, a minha! Estive lá, vi o sangue, falei um tempão com o doutor Arruda e me esqueci disso.

— Não encuque, primo. Deve ter sido uma vulgar peixeira. E, como a velha Zula ordenou, convoque a gatíssima Ângela.

ENFIM, A ARMA DO CRIME



Rafael e Iolanda, pais de Leo, não se conformaram depressa com a morte de Boa-vida. Sentiriam muito a falta de seus baiões, de suas anedotas e do seu acentuado sotaque nordestino. Diogo, o caçula, perdeu até a vontade de brincar e vovô Pascoal, com seus oitenta anos, e que de música apenas aceitava cançonetas italianas, derramou uma lágrima pelo sanfoneiro.

Dona Iolanda só fazia uma restrição ao Alexandre:

— Seu defeito era ser um tanto egoísta.

— Egoísta, o Boa-vida? — discordou Rafael. — Um homem que apenas amava sua liberdade!

— Não lembra o que disse no domingo? Se ganhasse na loteria esportiva, não daria um centavo para ninguém. Gastaria tudo em viagens.

— Mas dar para quem? Era sozinho no mundo. Infeliz! Viajou para o desconhecido.

— Amanhã vamos ao enterro dele em Vila Formosa — disse dona Iolanda. — O corpo já foi liberado pelo Instituto Médico Legal. Vai ser uma tristeza. Duvido que alguém apareça além de nós.

Leo murmurou um tchau e seguiu para o Morro dos Ingleses, onde Ângela, sua quase-namorada, morava. Não a via há muitos dias. Felizmente desta vez tinha um bom pretexto para procurá-la. Parou no orelhão da esquina e fez a ligação.

— Ângela, é o Leonardo. Pode descer um pouquinho?

— Hoje não. Estou lendo um livro muito bacana.

— Que pena! Houve um crime aqui no bairro e eu e Gino vamos nos mexer.

— Crime? Não estou sabendo de nada. Quem matou quem?

— O primeiro *quem* não sabemos. O segundo foi um tal Alexandre de Souza, mais conhecido como Boa-vida.

Houve uma pausa e depois a voz de Ângela voltou alta e estridente:

— Mataram o Boa-vida?

— Você conhecia?!

— Já estou descendo.

Um minuto depois e lá estava, à porta do edifício, uma linda garota de quinze anos com suas botas de cano longo. Correu na direção de Leo como se tivesse acabado de ouvir a pior das notícias.

— Então, mataram mesmo o Boa-vida?

— Não imaginava que o conhecesse. Ele também circulava pelo Morro?

— Sempre aparecia em casa quando precisávamos de alguém. Era quem lavava o carro de papai, sabia? Mamãe no início não lhe dava prosa. Mas o Boa fez tantos serviços,

consertou tanta coisa quebrada que a coroa acabou afinando. Aqui entre nós, não fazia nada com muita categoria. Minhas estantes, por exemplo. Ficaram uma droga. O que sabia era jogar conversa fora e com muito charme.

— Era um virador, verdadeiro boa-vida.

— Papai não o considerava vagabundo, mas rebelde. Odiava horários e patrões. Se lhe ofereciam trabalho fixo, dava as costas.

— Seu erro foi dar as costas também para o assassino. Três furos nos pulmões.

— Alguma pista?

— Vamos até a casa do primo. Começaremos tudo a partir dum retrato.

●

Gino recebeu Ângela alegremente. Outra vez os três juntos! Ah, ela conhecera Alexandre? Ótimo, assim a corrente ficava mais forte. Precisariam de muita união porque o enigma era uma parada, um desafio.

— Tia Zula conseguiu a foto?

O campeão de xadrez abriu uma gaveta e retirou uma grande fotografia autografada e emoldurada, o Boa-vida de gibão e chapéu de couro tocando sanfona para um grupo de fregueses do restaurante.

— Bem fiel ao que ele era, o mesmo sorriso cheio de dentes — comentou Ângela.

— Mas apenas serve para matar a saudade — lamentou Leo. — Uma sanfona sem nada especial.

Gino reabriu a gaveta e apanhou uma lupa, que passou ao primo, sem explicação, embora ativando um sorriso muito significativo.

— Vê alguma coisa? — interessou-se a moça.

Leo, aos poucos, fabricou um sorriso parecido com o do primo.

— Agora entendo por que o velho Sherlock Holmes nunca esquecia a lupa. Sua vez, Ângela. Prove que sabe distinguir uma pista.

Ângela assestou a lupa sobre a foto com uma emoção que atrapalhou tudo. Olhava, olhava e não encontrava a espoleta que disparara aqueles dois sorrisos. Desorientou-se.

— Concentre-se na concertina. Perto dos dedos dele. Vê agora alguma coisa?

Mais um sorriso juntou-se aos dois.

— Iniciais. Um B e um V. — E depois de uma pausa: — Mas isso ajuda?

— Evidente — respondeu Gino. — Já não é mais uma sanfona qualquer. É a que pertenceu ao nosso Boa.

— Se os jornais fizerem alguma alusão às iniciais, a descoberta não valerá muito. O criminoso joga a concertina no rio — disse Ângela.

— Ninguém vai saber. A imprensa só dará destaque ao Muriçoca. Por ora é o único suspeito. Falei pelo telefone com o doutor Arruda.

— Esse Muriçoca tem passagem pela polícia? — perguntou Ângela.

— Aqui em São Paulo não.

— Então será posto em liberdade?

— Depende do pronunciamento das delegacias do Nordeste. E de novos interrogatórios. O rapaz está tão assustado, treme tanto que o Arruda continua desconfiando dele. Pode ser que a sanfona esteja escondida onde mora. A polícia dará busca.

Leo lembrou-se da arma.

— Foi mesmo peixeira?

Guardando a foto de Boa-vida e a lupa na gaveta, Gino fez uma cara de quem levou um soco no estômago.

— Este é o detalhe preparado para atrapalhar, como acontece em muitos romances policiais. Parece um quebra-cabeça, uma brincadeira!

— Que arma era?

— O doutor Arruda não lhe tinha falado dela simplesmente porque não havia sido encontrada. Estava enfiada num saco de cimento da sala. Agora preparem uma cara bastante incrédula e podem arregalar os olhos.

— Fale logo, primo!

— Uma espécie de sabre chinês, muito bonito, com desenhos orientais no cabo.

— Uma arma chinesa, você disse? — surpreendeu-se Leo, como Gino previra.

Em completo desalento, vendo romper o fio da meada, Gino confirmou: — Chinesa, primo. Dá para entender?

NO ENTERRO ALGUÉM CHORA POR TODOS

Rafael alugou um táxi e com dona Iolanda e Leo foram para o distante cemitério onde, por conta da Prefeitura, Alexandre de Souza, o Boa-vida, seria enterrado como indigente. Levavam flores e algum dinheiro para gratificar os coveiros. Ao contrário do que esperavam outras pessoas, estavam presentes ao sepultamento: o dono dum bar, um garçom de restaurante, madame Santa, a modista, para quem às vezes Boa-vida entregava vestidos, o porteiro de um dos teatros do Bexiga e dois pedreiros.

Um padre, provavelmente conhecido de madame Santa, iniciou uma oração fúnebre, logo perturbada pelo choro convulsivo e inesperado de uma mulher, vestida de preto, a última a chegar.

— Quem é ela? — perguntou Rafael à dona Iolanda.

— Não sei.

— Parece pessoa da família.

— Ele nunca disse que tinha parentes — lembrou dona Iolanda, tentando prestar atenção às palavras do padre.

A mulher, conservando-se um pouco afastada, com a cabeça curvada sobre o peito, apertava nos olhos um lenço vermelho. Chorava ruidosamente e sem controle. Não choro comum, simples alívio de uma tensão, mas uma torrente de lágrimas, sofrida e dramática. Teve-se a impressão de que o padre, premido pela situação embaraçosa e para não prolongar o sofrimento dela, abreviou as palavras. E enquanto os coveiros faziam seu trabalho, dirigiu-se à desconhecida para confortá-la no momento mais pungente.

Sepultado o corpo, a mulher interrompeu o choro, como se para isso tivesse simplesmente apertado um botão, olhou ao redor sem fixar-se em ninguém, e precipitou-se em abandonar o cemitério.

— Gostaria de saber quem ela é — disse dona Iolanda, curiosa. — Vamos alcançá-la?

Com Leo à frente, os três acompanharam a mulher de preto, que apesar do choro exaustivo, tinha ainda bastante fôlego. Apressada, parecia mover-se sobre rodas. Com receio de que a perdessem de vista, o rapaz adiantou-se, indo colocar-se ao lado dela.

— Por favor, senhora. Minha mãe quer lhe falar.

A desconhecida parou, com visível má vontade, esperando por dona Iolanda e seu Rafael. Teria pouco mais de trinta anos, era morena cor de jambo, e não muito alta. Naquele instante mostrava-se não sofrida, mas assustada.

— Eu, meu marido e meu filho fomos amigos de Alexandre — disse dona Iolanda, acercando-se.

— Meu nome é Elvira — respondeu a mulher. — Alexandre nunca lhe falou de mim?

— Elvira? — repetiu a mãe de Leo. — Nunca.

— Alexandre só lembrava-se dele mesmo — lamentou a mulher.

— Eram parentes? — perguntou Rafael.

— Éramos casados.

— Casados? — admirou-se dona Iolanda, olhando para o marido e para o filho. — Alexandre freqüentava muito nossa casa e o julgávamos solteiro. E acho que lá no bairro todos pensavam assim, não é, Rafa?

— Estávamos separados há muito tempo — esclareceu Elvira. — Raramente nos víamos. E se estou aqui foi porque casualmente ouvi a notícia no rádio.

— A senhora mora em São Paulo? — perguntou Leo.

— Moro, mas vim do Nordeste, como Alexandre.

— Gostaria que nos desse seu endereço. A polícia e alguns amigos de Alexandre vão tentar descobrir quem o matou.

Elvira não se interessou.

— Eu não posso ajudar. Como disse, quase não o via.

— Mesmo assim talvez a procuremos.

Elvira abriu a bolsa, retirou dela um cartão impresso, entregou-o ao rapaz, despediu-se com poucas palavras e voltou a fazer uso das rodas. Não estava disposta a conversar.

— Primeiro chora como uma carpideira, depois nem quer falar sobre o marido — comentou dona Iolanda com nenhuma simpatia pela mulher de preto.

— Veio aqui para dar um espetáculo e ir embora — disse Rafael.

— Espetáculo para quem?

— Não sei, Landa.

— Se Alexandre não falava dela talvez tivesse seus motivos — afirmou Iolanda, cáustica.

Leo leu o cartão em voz alta:

— "Elvira Matos de Souza. O PASSAREDO — pássaros e gaiolas." É no bairro da Liberdade.

Rafael pegou o cartão da mão do filho como se tivesse ouvido o resumo de um romance empolgante.

— Boa-vida era casado com a proprietária de uma loja e morava numa obra abandonada!

Dona Iolanda pensou numa explicação e encontrou esta:

— Quem sabe ela quisesse prendê-lo demasiadamente numa de suas gaiolas e ele acabou batendo as asas.

Rafael não contestou a opinião de sua mulher porque os muitos anos de casamento lhe haviam ensinado que ela sempre tinha razão.

— Deixem-me na casa de tia Zula — pediu Leo, quando entraram no táxi. — Preciso falar com o Gino.

UM CHINÊS TOCADOR DE SANFONA? AH! AH! AH!

Leo encontrou o enxadrista folheando os jornais do dia, nervosamente.

— Como eu imaginava! Apenas algumas linhas sobre o assassinato de Boa-vida. Se fosse rico o caso mereceria meia página.

— Melhor assim — replicou Leo. — Não assustará o criminoso.

Zula entrou na sala com um espanador.

— Foram ao cemitério, Leonardo?

— Voltamos agora. Como enterro de indigente até que não foi mau. Havia um padre e algumas pessoas do bairro. Mamãe levou flores.

— Não pude ir — lamentou a tia. — Mas rezei por ele.

Leo passou a Gino o cartão de Elvira.

— Havia uma pessoa desconhecida para nós no enterro. Já ouviu falar dela?

Zula também foi ler o cartão. Não sabiam quem era Elvira.

— Alguma amiga de Boa-vida?

— Vocês não adivinhariam nem amanhã — disse Leo, dono do seu mistério.

— Tem o nome dele, Souza — observou Gino. — Só pode ser parente.

Cônscio do espanto que a revelação ia causar, Leo sorriu.

— Mulher de Alexandre. Boa-vida era casado embora vivesse separado da mulher. Jamais teríamos notícia disso se ela não aparecesse no cemitério. Derramou um rio de lágrimas. Mas quando a abordamos não quis muito papo. Mamãe não simpatizou nada com essa tal de Elvira.

Gino e Zula ficaram surpresos: Boa-vida, casado!

— Como soube que o marido morreu?

— Pelo rádio.

— O que ela disse? Desconfia de alguém?

Leo sacudiu a cabeça, negando.

— Raramente via Alexandre. Disse que não poderá ajudar.

A informação, apesar do impacto, não somava novos esclarecimentos ao assassinato, mas, Gino, zeloso, juntou o cartão de Elvira à fotografia de Boa-vida e ao folheto turístico encontrado na obra. Um pouco de organização não faz mal a ninguém.

— Evidentemente vamos entrevistar esta senhõra — disse Gino — mas devemos nos concentrar no ladrão da sanfona. Por que complicar as coisas? Só pode ter sido ele. Eram muito amigos, Leo. Tinham marcado encontro na obra. O legista concluiu que o crime foi às dezoito horas do domingo. Tomaram café, fumaram cigarros, de marcas diferentes, e depois o visitante, para roubar a sanfona, matou Boa-vida pelas costas.

— Com a arma chinesa?

— Isso mesmo.

Leo começou a rir e acabou gargalhando a ponto de irritar o primo.

— Boa piada, Gino!

— Mas onde está a graça? Quer me dizer?

A graça estava aí:

— Como pode imaginar um chinês tão fanático por xaxados, xotes e baiões a ponto de cometer um crime para surrupiar uma sanfona velha? Já viram um china, com gibão e chapéu de couro, animando um forró? Eu nunca vi. Zero para você, senhor detetive.

Gino continuava nervoso.

— Quer me fazer o favor de esquecer a arma do crime?

— Não consigo. O crime foi de sabre chinês, não de peixeira.. Isso não dá para pôr de lado.

Zula, sem largar o espanador, até sentou-se para ouvir a animada discussão dos dois primos.

Gino estava com a palavra:

— Então um russo só mata a golpes de balalaica, um espanhol necessariamente precisa usar bandarilhas e um italiano pau de amassar macarrão? O criminoso na maioria das vezes apanha a arma que pinta na ocasião. Ele poderia ter roubado essa arma estranha justamente para confundir a polícia.

Leo não se deu por vencido:

— Então vamos sair por aí, procurando entre milhões de sanfonas, uma que tenha duas minúsculas iniciais, feitas provavelmente a canivete? Desta vez, fico por fora. Sou um rapaz com uma brilhante vocação de detetive, não de andarilho ou recenseador de sanfonas!

Zula deu uma gostosa gargalhada. Recenseador de sanfonas, ótimo chiste!

E tudo ficaria em gargalhadas, o dito pelo não dito, se não fosse a pessoa que chegou em seguida. Tocaram a campainha. Zula foi atender.

— Ah, é o senhor? Vá entrando. Gino e Leo estão aqui quebrando a cabeça.

Era o Guima, aquele que arranjara o emprego para Leo, e que apesar dos seus quarenta anos, conversava com ele e Gino como se tivessem os três a mesma idade. Também morador do bairro, veterano do Bexiga, conhecera Boa-vida e estava a par do interesse dos primos pela elucidação do crime.

— Vocês têm algum suspeito?

— Não, mas já concluímos de que se trata de alguém que talvez fosse unha-e-carne com Alexandre e que cobiçava sua sanfona. Um ladrão casual levaria o rádio e o dinheiro do bolso.

Guima deu um soco na palma da mão esquerda.

— Então, bate!

O som da pancada reuniu Leo, Gino e Zula na mesma ansiedade. O que batia? O que com o quê?

— Do que está falando, Guima?

Guima, já alto, cresceu mais. Melhor que receber gordas gorjetas na porta do hotel era colaborar com aqueles dois detetives. E ele trouxera um trunfo, um nome, algo que batia.

— Falo de um antigo amigo de Boa-vida. Tocavam em dupla nos forrós e em festas nos bairros. Onde um ia, arrastava o outro. Isso já há algum tempo. Depois se desentenderam, parece que por uma questão de dinheiro, e cada um seguiu seu caminho. Boa, menos ambicioso, folgado, logo deixou de receber convites para tocar. Quanto a esse outro, eu o vi hoje, perto do Pão Italiano. Andava depressa e com uma cara de condenado.

Tia Zula interrompeu Guima, lembrando:

— Acho que sei de quem está falando. Não é um arruaceiro que metia medo em todo mundo? Um cara forte, espadaúdo, de cara de hipopótamo?

— Não recordo como é a cara de hipopótamo — disse Guima —, mas creio que falamos da mesma pessoa. Andou preso por desordem, bebedeira e agressão. Quem sabe tenha até algum crime de morte no seu currículo.

— Mas como se chama essa fera? — perguntou Leo.

— João Valentão. Não é apelido que se dê a uma pessoa bem-comportada, de acordo?

Tia Zula agarrava-se às suspeitas de Guima:

— Já devia ter me lembrado dele! Guima tem razão! Ele brigou feio com Boa-vida. Deu-lhe inclusive uns empurrões, segundo comentaram lá na cantina.

Gino estava feliz, apesar da arma chinesa, o enigma parecia chegar ao fim. João Valentão! Era esse o homem.

— Vá imediatamente à delegacia — disse Gino ao Guima. — Conte tudo ao doutor Arruda. — Se precisarem de um retrato falado, você poderá ajudar, mas nem será preciso. Uma pessoa com essa folha será identificada na hora. E se anda por aí, como você viu, logo receberá de presente um bonito par de algemas.

— Isso que me intriga — declarou Leo. — Matou alguém e anda por aí, quando devia ter dado o sumiço.

Guima não quis saber de mais nada. Orgulhoso da aproximação feita entre os dois sanfoneiros, despediu-se de todos, já a caminho da delegacia.

— Espero que agora ponham em liberdade o Muriçoca — desejou tia Zula. — O infeliz não tem nada a ver com o caso. A única prova que existe contra ele é o medo que tem da polícia.

A GAIOLA DE ONDE BOA-VIDA ESCAPOU PARA MORRER

Aproveitando sua folga semanal no hotel, Leo foi buscar Ângela para o trabalho combinado na véspera. Durante o trajeto, ela, ansiosa, queria todas as informações sobre o assas-

sinato. Leo, um tanto desanimado, disse que o tal João Valentão, embora reconhecido pela polícia, que levantara sua ficha de bêbado e agressor, continuava solto. Algumas pessoas do Bexiga, onde já morara, interrogadas, ignoravam seu paradeiro.

— Receio que a polícia desista da procura — declarou Leo. — Matar um joão-ninguém como o Boa não chega a ser um grande crime.

Os dois andaram mais um quarteirão quando Ângela viu a tabuleta.

— Lá é O Passaredo! Já sabe que perguntas fará à mulher?

— Não planejei nada — confessou Leo. — Mas não deixe cair a peteca. Faça também as suas.

O Passaredo era uma pequena loja que mais parecia um depósito de gaiolas: comuns, originais, pequenas, médias e grandes. Muita gente costuma decorar espaços com gaiolas vazias. Quando não aprisionam pássaros, elas podem ser paradoxalmente um símbolo de liberdade. Mas em muitas Leo e Ângela viram diversas espécies de canários de diferentes cores. À entrada havia uma arara, posta ali com a intenção promocional de atrair os transeuntes.

Uma senhora idosa, de cabelos muito brancos, andando com certa dificuldade, acercou-se dos dois.

— Podem ver tudo sem compromisso — disse ela.

— Viemos visitar dona Elvira — explicou o rapaz. — Ela está?

— Lá atrás, no escritório.

Leo e Ângela atravessaram a loja e foram encontrar no fim de um pequeno corredor o escritório da proprietária. Elvira já não vestia luto. Com uma esferográfica, fazia anotações.

— Bom dia, dona Elvira! Lembra-se de mim? Nós nos conhecemos no cemitério. Esta é Ângela, minha amiga.

— Lembro, sim.

A companheira de Leo, para fazer-se bastante natural, fixou os olhos num retrato impresso sobre a escrivaninha.

— Que maravilha! — exclamou.

— É uma ave-do-paraíso — disse Elvira. — É da Nova Guiné. Uma beleza, não? Vendo pássaros de outros continentes também. Sempre há interessados.

— A senhora dedica-se ao ramo há muito tempo? — perguntou Leo.

— Coisa de família. Meu pai levou a vida toda criando e vendendo esses bichinhos. Começou em Fortaleza. Esta loja abri há dez anos. O movimento é reduzido, fatura-se pouco, mas não trocaria por um bom emprego.

Ângela deu um tapa na peteca:

— Em sua companhia Alexandre deve ter vivido melhor que naquela obra onde o encontraram morto.

Elvira, inesperadamente, achou graça.

— Vivia, sim. Aqui, quando tinha problema, resolvia vendendo por conta própria algum canário belga, cardeal, beija-flor, papagaio, qualquer coisa que tivesse penas, para tomar cerveja e jogar. E se eu o acusasse de roubo, berrava que não roubara nada: libertara os pássaros porque não suportava vê-los engaiolados. Isso, mais a cambada de amigos, uns malandrões, mais aquela sanfona, que tocava sem parar, abalou meu sistema nervoso. Um dia, farta, abri sua gaiola e ele voou.

A explicação bem-humorada deixou Leo e Ângela mais à vontade, ensejando nova pergunta.

— Mas, pelo que vi no cemitério, a senhora sofreu muito com a morte dele. Era um fato que ela não negava:

— Apesar dos defeitos de Alexandre, gostava dele. Quando nos separamos, sofri muito.

— Depois nunca mais o viu? — perguntou Ângela.

— Via, às vezes — respondeu Elvira, hesitante. — Costumava aparecer aqui para pedir dinheiro emprestado ou favores. Mas se estivesse abonado, coisa rara, vinha buscar-me para jantar em restaurantes. Nessas ocasiões sempre manifestava o desejo de voltar a viver comigo e a cuidar dos pássaros. E depois passava meses sem retornar ao assunto.

Leo tinha uma pergunta importante em sua lista:

— E a senhora, nunca o visitou?

— Sim, quando morava numa pensão, no Bexiga.

A pergunta tinha um complemento com bastante veneno:

— E na construção, onde o assassinaram?

— Se eu soubesse onde está essa peste, tenham a certeza de que o denunciaria.

Elvira apenas não se sentou porque já estava sentada. Ouviu a pergunta como se lhe apontassem uma arma. Respirou antes de responder e tão profundamente que quase não restou ar para os visitantes.

— Fui lá uma única vez — disse. — Alguém telefonou informando que estava doente. Levei frutas e dinheiro. Fiquei tão chocada ao vê-lo naquele lugar, como um marginal, que jurei não mais voltar.

— Quando isso? — insistiu a arguta Ângela, tentando acentuar seu descontrole.

— Não me lembro. Agora, desculpem, preciso fazer umas contas. Sou eu quem faz a contabilidade da casa.

Leo viu bem claro que estavam sendo delicadamente enxotados do escritório, mas ainda restavam perguntas no fundo do baú.

— A senhora disse que Alexandre tinha muitos amigos.

— Gente desagradável, a maioria músicos, todos conterrâneos. Felizmente sumiram com Alexandre. Maus amigos. Nenhum deles foi ao enterro.

Sem valorizar a pergunta, já de saída e num tom ocasional, Leo fez pingar a derradeira:

— Um deles era apelidado João Valentão?

Elvira, que se levantara para apertar as mãos de Leo e Ângela, careteou uma expressão de rancor.

— Esse era o pior deles. Péssimo caráter. Eu mesma o expulsei daqui certa vez.

— Soube que Alexandre e ele tiveram uma briga séria?

— Viviam brigando. E pelos motivos mais fúteis.

Ângela não resistiu, e sem consultar Leo ao menos com um olhar, adiantou a informação guardada em sigilo:

— João Valentão é um dos suspeitos de matar Alexandre. Está desaparecido.

— Se eu soubesse onde está essa peste, tenham a certeza de que o denunciaria.

Elvira, mudando de idéia, resolveu acompanhar Leo e Ângela até a porta da rua. Lá chegando, foi sua vez de fazer uma pergunta.

— Sandoval por acaso esteve em contato com você ou com a polícia?

— Quem é ele?

— Sandoval de Souza — esclareceu Elvira. — Primo-irmão de Alexandre. O único parente que lhe restava no mundo. Não o conheci mas segundo Alexandre era bom sujeito.

— Ele mora aqui em São Paulo?

— Mora, não sei onde. Lida com máquinas de calcular. Seu telefone está na lista. Agora, quanto a informações, duvido que possa dar alguma. Pouco conviveram. Entre ambos havia um oceano.

Leo e Ângela caminharam até a esquina olhando curiosamente as lojas, bazares e restaurantes do bairro oriental. Mais além entraram numa lanchonete para tomar refrigerante.

— O que achou de Elvira? — perguntou Ângela.

— Uma boa pessoa, nada mais.

— Por que será que caiu a cara dela quando perguntou se já havia estado na obra onde o Boa morava?

— Um pouco de humilhação, talvez. O marido não morava numa suíte do Emperor Park Hotel.

— Estranho aquele escritório — disse Ângela, mil vezes melhor que Leo para observar detalhes. — No chão, pilhas de caixas de bebidas. Nas estantes pacotinhos, pacotes e pacotões. Tudo com jeito de mercadorias estrangeiras. Tive a impressão de que Elvira não vive apenas da venda de pássaros.

— Quem sabe faça contrabando — admitiu Leo. — É um local insuspeito para isso. Mas que motivo Elvira teria para matar o marido? Não vejo nenhum.

— Vejo dois, à sua escolha.

— Primeiro?

— Elvira matou Boa-vida porque o amava enquanto ele não queria nada com ela nem com seus pássaros.

— Segundo?

— Boa descobriu que ela contrabandeava e tentou fazer chantagem para lhe arrancar dinheiro. Para livrar-se dele, Elvira matou-o.

Leo não levou a sério nenhuma das hipóteses.

— Aquela chorona, gamada em passarinhos, não é capaz de matar uma mosca — garantiu.

— Mas eu não disse que ela matou. Foi o mandante. Pagou João Valentão para agir em seu lugar. Fica mais lógico agora?

Leo concordou:

— Fica. Mas, para mim, as duas hipóteses continuam furadas. Agora, vá para a casa de Gino e me espere.

Ângela estranhou a ordem.

— Por quê?

Leo não revelara a ela todos os planos do dia.

— Vai haver um interrogatório e você participará dele.

— Vamos interrogar quem?

— Adivinhe, sabichona.

O ENDEREÇO DO NINHO DA SERPENTE

O rapaz nervosamente enfiava seus trapos dentro de uma valise de lona. Havia seis camas feitas no quarto que lembrava uma enfermaria desocupada. Quando entrouxou todas as roupas, puxou o zíper. Mas perdeu o ritmo da ação. Ficou parado, a cara apalermada.

— Você não vai ser bobo de fugir, vai?

Muriçoca viu Leo à porta do quarto.

— Mandaram você me espiar? Não chega o que já passei lá?

Leo aproximou-se, querendo ser simpático.

— No seu lugar desarrumaria essa mala. Se fugir estará se comprometendo. O delegado não disse que não pode sair da cidade?

Desorientado, Muriçoca não conseguia ordenar os pensamentos.

— Disse, mas não me sinto bem aqui. Eles podem me grampear outra vez. Posso ser condenado, jogado numa peni-

tenciária. Talvez me obriguem até a confessar. Com choque elétrico. Me contaram lá na cela.

— Não vai lhe acontecer mais nada — prometeu Leo. — Sabe por que o soltaram?

— Ninguém me disse.

— Porque já sabem quem matou Boa-vida. Relaxe. Jogue essa valise e vamos sair.

Apesar da cordialidade, Muriçoca resistia.

— Onde quer me levar?

— À casa de meu primo Gino. Ele quer papear com você.

Muriçoca sentou-se.

— Eu não conheço seu primo. Por que quer conversar comigo?

— Sobre um amigo seu.

— Não tenho amigos — garantiu o nordestino em voz alta.

— Mas ele morou nesta pensão. Seu Constantino, o dono, me disse.

Muriçoca ainda mais tenso, pegou a valise.

— Quem?

— João Valentão — respondeu Leo. — Ele dormia naquela cama — apontou. — Vamos.

●

Muriçoca sentou-se diante da mesa, todo encolhido, evitando olhares. Embora na presença inofensiva de um rapaz, em sua cadeira de rodas, de uma jovem de quinze anos e de uma senhora gentil, que lhe servia café e roscas de polvilho, comportava-se como se fossem linchá-lo.

— Muriçoca estava com receio de vir — disse Leo.

— Bobagem, ninguém vai morder você. Éramos todos muito amigos do Boa-vida e queremos ajudar a polícia a prender o criminoso. Vamos apenas fazer algumas perguntas.

— A polícia fez um milhão — murmurou Muriçoca. — Fiquei rouco de tanto responder.

— A polícia não lhe oferecia roscas de polvilho — disse tia Zula para quebrar o gelo. — Se quiser mais, vá pegando.

Gino voltou-se para Ângela e Leo:

— Quem faz a primeira?

— Eu — disse Ângela, levantando a mão. — O que quer dizer Muriçoca?

Surpreendido, o próprio Muriçoca riu, mas foi Gino quem explicou que se tratava dum inseto, um mosquito, e dos mais irritantes.

— Foram os empreiteiros, os encarregados das obras que me deram esse apelido. Sempre pedindo emprego — contou Muriçoca. — Eu esgotava a paciência deles. Diziam que era pior que muriçoca. Um deles me expulsou da construção com uma bomba de inseticida. Me espirrou na vista. O nome pegou e agora ninguém tira.

Zula ouviu a história comovida com a origem do apelido. Mais café na xícara de Muriçoca.

A pergunta de Gino tinha ligação direta com o crime:

— Quando entrou no cômodo onde Boa-vida foi assassinado, viu uma sanfona?

— Não — respondeu Muriçoca. — Fiquei menos de um minuto lá. Quando vi o corpo, corri para a rua.

Zula, em tom bastante amistoso, já inclinada a acreditar na resposta, quis saber:

— Você conhecia Boa-vida?

Apesar de toda doçura que Zula pôs na voz, o gosto de polvilho, Muriçoca ficou embaraçado. Moravam no mesmo bairro. Boa e ele viviam na rua, um gozando sua liberdade de pássaro solto, o outro procurando emprego — não teriam se cruzado ao menos uma vez?

— Quando vi o retrato nos jornais — respondeu Muriçoca —, me lembrei dele de algum bar ou do salão de sinuca. Com aquela camisa verde. Mas fechei o bico porque podia me complicar ainda mais.

A todos pareceu sincera a declaração, e Leo passou em seguida para o ponto principal do interrogatório, novidade para os demais.

— Fale agora sobre João Valentão.

— Ele conheceu? — admirou-se Gino.

— Sondei o Constantino, da casa de cômodos. João foi inquilino. Ocupavam o mesmo quarto com mais quatro.

Muriçoca abandonou no prato uma rosca que mordia. Parecia ou fingia não entender por que o nome do sanfoneiro tinha alguma relação com a morte de Alexandre.

— Conheci João, sim. O que ele tem com isso?

— A polícia está à sua procura — esclareceu Leo. — Sabe-se que teve uma briga com o Boa. E deve estar implicado no crime, tanto que desapareceu.

— Mas ele mudou da casa do Constantino faz tempo. Brigaram por causa do aluguel.

— Você não tornou a vê-lo? — perguntou Gino quase como se fosse uma afirmação.

Todos estavam de olho em Muriçoca, inclusive Zula. Ele baixou a cabeça dando a impressão de que fugiria à indagação, e quando a levantou, disse:

— Vi, sim. Às vezes vou aos forrós, quando consigo uma grana. João toca em alguns deles.

— Onde tocava na última vez que o viu?

Como se já arrependido de falar, Muriçoca calou-se.

— É melhor nos contar — aconselhou Gino. — Se o verdadeiro criminoso não for apanhado, e ele pode ser João Valentão, você talvez ainda volte para as grades. Pense nisso. Sempre necessitam de um bode expiatório.

Muriçoca não revelou logo o nome do forró. Precisou de algum tempo para pensar. Tomou um gole de café. Voltou a empalidecer.

— Acho que ainda está no Forró do Afonso — disse. — É no Brás. Mas, pelo amor de Deus, não contem a ninguém que eu falei. Prometem?

Leo balançou a cabeça, afirmativamente.

— Você não disse nada. Tudo certo. Agora, se quiser, pode ir.

Para Muriçoca foi mais que uma ordem: levantou-se e foi embora sem se despedir de ninguém.

— A informação foi quente — comentou Gino.

— Agora precisamos do Guima — disse Leo. — Vamos laçar a fera.

O FORRÓ DO AFONSO

Guimá era a pessoa ideal para acompanhar Leo na procura de João Valentão: vivido, com muita experiência de tudo, sentia-se à vontade em qualquer situação. Além do mais, conhecia de vista o perigoso sanfoneiro. Parou seu fuscão diante de um casarão recortado de janelas iluminadas. Mesmo da rua ouvia-se o ritmo de um xaxado.

— Sexta-feira é dia de muita animação — disse Guima. — Ainda é cedo mas lá para a meia-noite a coisa pega fogo.

— Espero que ele apareça antes. Embora tenha saído com você, o velho Rafa não gosta que eu chegue tarde.

— Vou comprar os ingressos.

Guima dirigiu-se a um guichê, apanhou as entradas e fez sinal a Leo para que o seguisse. Subiram umas escadas juntamente com um batalhão de homens e mulheres que empurravam os que estavam à frente com pressa de chegar ao salão. Leo, acotovelado, e estranhando o ambiente, subia com dificuldade os degraus.

O salão, enorme, com suas paredes cheias de manchas de umidade, que alguma decoração precária tentava encobrir, estava literalmente ocupado. Muitos pares já dançavam, familiarizados com o xaxado, enquanto a maioria dos freqüentadores ainda disputava mesas, dispostas em fileiras. Mas o que mais perturbava estreantes no forró como Leo era a massa de som que vinha do palco: ensurdecedora. Se não fosse a tarefa que tinham a cumprir, Leo e Guina já teriam ido embora.

O salão, enorme, estava literalmente ocupado.
Muitos pares já dançavam, familiarizados com o xaxado.

No entanto, para os que ali se reuniam, não poderia haver festa melhor.

— Encontrar alguém nessa multidão vai ser difícil — ponderou Leo.

— Pode ser que Valentão só toque pela madrugada.

— Antes disso meus tímpanos estouram.

Guima estava de acordo. Ficarem parados ali, num canto do salão, seria inútil. Tendo uma idéia, puxou Leo pelo braço, passando pelas fileiras de mesas, agora sob o ritmo contagiante de um xote. Entraram por um corredor onde a circulação era menos aflitiva.

— Aqui deve haver uma diretoria, Leo.

Passaram por diversas salas onde músicos, vestindo trajes típicos nordestinos, afinavam instrumentos. Numa delas havia um bar improvisado. Leo e Guima tomaram café, encostados a um pequeno balcão, observando as pessoas que circulavam. Depois, viram uma sala mais ampla, que chamava a atenção por causa das paredes, forradas com retratos de violeiros e sanfoneiros. Guima aproximou-se de um homem calvo sentado a uma mesa, fumando cigarrilha com o ar feliz de quem era dono do mundo.

— Por favor, uma informação.

— Se o senhor é fiscal da Prefeitura, garanto que está tudo em ordem. As multas já foram pagas. Por favor, não me crie mais problemas.

— Não sou da Prefeitura — tranqüilizou-o Guima. — Estou procurando um homem.

— Funcionário da casa?

— Sanfoneiro.

— Qual deles?

— João Valentão.

O homem calvo respondeu prontamente:

— Não trabalha mais conosco.

— Até quando trabalhou?

— Andou por aqui até o mês passado. E pode estar certo de que não volta mais. Não queremos gente como ele neste forró.

— Posso saber por quê?

Resposta irritada, acompanhada de gestos.

— Porque não gostamos de encrenca. Isto aqui é um lugar para se ouvir música e dançar. E para ganhar dinheiro também. O meu ganha-pão. Honesto, sim senhor. Pode entrar o maior bandido do país. Mas tem de se comportar. E pagar a conta sem estrilo. João Valentão é um desordeiro. Fez um quebra-quebra. E eu tolero tudo, menos prejuízo.

Guima ouvia meneando a cabeça como se entendesse e concordasse.

— Também não gosto de gente assim. Mas estão querendo que ele toque num baile do ABC. Preciso encontrá-lo.

O homem calvo — que devia ser o próprio Afonso — ergueu a voz na direção de alguém.

— Eh, Batista! Sabe onde está o João Valentão?

— Anda fora de circulação — respondeu Batista, à distância. — Mas se querem saber dele perguntem no Beco do Sebastião. É onde ele se encosta.

Guima conhecia o Beco. Agradeceu a informação. Mas antes de ele e Leo saírem, o provável Afonso levantou-se, tirou da parede um retrato emoldurado e fez um pedido.

— Entreguem-he este lixo. Não há mais lugar pra ele nem em nossa parede.

Leo e Guima foram olhar o retrato dentro do fuscão. Foto de sanfoneiro é sempre a mesma coisa: gibão, chapéu de couro, sanfona e sorriso largo.

— Isto ainda pode servir para a polícia — disse Guima —. Tem até autógrafo.

— O homem é terrível! — exclamou Leo. — Em todos os lugares deixa más lembranças.

— Vamos ao Beco do Sebastião. É um bar-restaurante aqui perto.

— E se ele estiver, o que a gente faz?

— Chamaremos a polícia e ficaremos assistindo de camarote.

Leo sorriu. Até ali tudo bem. O carro foi parando diante de um luminoso: "Beco do Sebastião — pratos nordestinos"

BECO DO SEBASTIÃO

O Beco do Sebastião, ao contrário do que o nome sugeria, era um bar-restaurante bastante amplo com uma fileira de reservados separados do salão por treliças. Não havia muitas mesas vagas àquelas horas. Como se nele persistisse a química ambiental do Forró do Afonso, o movimento era intenso, desordenado, e o rumor de mesas e pessoas contínuo. No ponto mais alto de uma eletrola, um baião de Luís Gonzaga dos mais antigos.

Depois de andar algum tempo entre as mesas, Leo e Guima encontraram uma desocupada. Sentaram-se, olhando de todos os lados, na expectativa de que João Valentão aparecesse a qualquer momento. Para confundi-los, muita gente, carregando sanfonas, entrava e saía.

— Estamos numa cidade do Nordeste! — exclamou Guima.

— Mas de João Valentão, nada ainda.

— Calma, Leo.

Guima e Leo pediram ao garçom o prato do dia, já que nada entendiam de pratos típicos.

— Como é que vamos saber se ele está aqui? — perguntou Leo.

— Da forma mais simples possível — respondeu Guima, fazendo sinal ao garçom da ala. — Por favor, o João já veio?

— Que João?

— O sanfoneiro, João Valentão. Disseram que faz ponto aqui.

— Pode ser que já tenha chegado — respondeu o garçom. — Sempre fica lá no fundo com a Luana. Quer que o chame?

Guima fez um gesto negativo.

— Deixe, vamos lhe fazer uma surpresa.

Veio a comida, que Leo não conseguia engolir. A preocupação tirava-lhe a fome. Guima, ao contrário, parecia faminto.

— Vou fazer uma sondagem lá no fundo — comunicou Leo.

— Espere, eu vou.

— Vá comendo, Guima. Conheço o Valentão pela fotografia. Depois, você com essa panca de porteiro do Park Hotel lembra gente da polícia. Lá vou eu.

Leo, como quem não quisesse nada, seguiu até os fundos do restaurante. Viu a cozinha, com sua movimentação toda, e a caixa registradora, onde estava um homem de meia-idade muito gordo, talvez Sebastião, o proprietário, a julgar pela satisfação com que recebia o pagamento das contas. Pouco atrás da caixa havia uma porta de vaivém que se abria para um corredor de cimento. Leo parou por lá como se apreciando a agitação da cozinha. Quando alguém passava, espiava. Viu algumas portas fechadas. Subitamente chegaram aos seus ouvidos os sons inconfundíveis de uma sanfona. Alguém, num daqueles quartos do corredor, tocava um xaxado com um balanço bem profissional. A curiosidade foi maior que seus receios. Deu uma olhada para o restaurante, e como ninguém o notasse, empurrou a vaivém e entrou a passos lentos pelo corredor.

●

Depois de comer o prato do dia, Guima sentiu sede e pediu cerveja. Enquanto bebia observava a ruidosa freguesia do restaurante, como um turista. Aquele ambiente não possuía nenhum ponto de contato com o do sofisticado Park Hotel. Lembrou-se da tranqüilidade do seu luxuoso restaurante. Havia muitos mundos dentro da mesma cidade, pensava. Destinos que jamais se cruzariam. Ficando a filosofar sobre esse tema, chegou a esquecer Leo. Mas, no fim da cerveja, tornou a se lembrar dele. Demorava. Olhou para a direção da caixa e não o viu. Decidiu ir até lá. Não o encontrou. Esperou um minuto. Como não aparecesse, resolveu dar uma volta completa pelo restaurante, ainda calmo, a olhar para as mesas. Retornou ao ponto de partida e sentou-se. Ao ver o garçom que os servira, chamou-o.

— Viu o rapaz que estava comigo?

— Não.

— Obrigado. A conta.

Paga a despesa, Guima saiu do restaurante e foi até o fuscão. Quem sabe Leo o estivesse esperando lá, por algum motivo estranho. Não estava. Com os olhos bem abertos e o coração batendo mais depressa, voltou ao restaurante, mais vazio. A freguesia saía em grupos rumo aos forrós. Garçons retiravam pratos e talheres das mesas. Tornou a perguntar ao mesmo garçom sobre Leo. Recebeu como resposta, de má vontade, um movimento negativo de cabeça.

Uma pessoa não pode desaparecer dessa maneira. Já um tanto descontrolado, perguntou:

— Quem é o Sebastião?

Apontaram-lhe o homem gordo da caixa. No caminho, Guima deu esbarrões em fregueses que surgiam em seu caminho. Postou-se diante do dono do Beco, que entregava troco a um garçom. Estava nervoso e não conseguia disfarçar.

— O senhor precisa me ajudar a encontrar um rapaz.

Sebastião, já recebendo outra conta paga, não entendeu.

— O que foi?

— Vim aqui com um garoto de dezesseis anos, filho dum amigo meu. Ele levantou-se da mesa, veio para cá e não voltou.

— Faz tempo?

— Calculo vinte minutos.

O gordo da caixa sacudiu os ombros.

— O que quer que eu faça? Foi embora.

— Não pode ter ido.

— Ele não ia se perder dentro do restaurante. Se não está aqui é porque saiu.

— O rapaz não é louco. Não sairia sem falar comigo.

— Sempre se encontram amigos em restaurantes. Volte para a mesa e espere.

Guima atendeu ao conselho. Retornou à mesa e sentou-se. Mas ao ver o restaurante quase vazio, afligiu-se outra vez. O que diria a Rafa se algo tivesse acontecido a seu filho? Foi até o fuscão, com a certeza de não encontrá-lo. Entrou novamente no restaurante. Dirigiu-se à caixa descontrolado, a viver um pesadelo.

Sebastião já não estava lá. No seu lugar, um garçom recebia as últimas contas.

— Onde está seu patrão?

— Foi embora.

— Eu não o vi sair.

— O senhor não viu mas ele saiu — respondeu o garçom, grosseiro.

Guima ficou diante da caixa, apalermado. O que faria? Continuar esperando ou chamar a polícia? Chegou a tocar os dedos no telefone. O desaparecimento de Sebastião também lhe pareceu misterioso. Pôs-se a andar, sem rumo. E apenas por acaso seus olhos bateram na porta de vaivém. Não gastou um segundo para hesitações. Empurrou-a com o ombro e foi entrando.

●

Quando se viu no corredor, Leo pensou logo em recuar, mas os sons da sanfona — tocavam agora o "Xote das Meninas" — o atraíram. Das seis portas existentes apenas uma aberta, a do quarto ocupado pelo sanfoneiro. Seria João Valentão? Descobrir isso era pouco. A voz de Gino, em seus ouvidos, pedia-lhe para descobrir também se a sanfona era a de Boa-vida. Que não esquecesse as iniciais. O sanfoneiro, num *pot-pourri* muito incrementado, tocava agora "Asa Branca", criando variações sobre a melodia.

Leo, sem saber o que fazer, ficou parado a uns passos da porta entreaberta. Gino e Ângela não estavam lá para que decidissem em conjunto o próximo lance. Viu no fim do corredor algo que devia ser depósito de garrafas. Belo lugar para esconder-se. Passou então pelo quarto do mago da sanfona, comunicando em voz alta:

— Telefone para o senhor!

Ao entrar no depósito, escuro e com um dedo de água no chão, Leo colou-se à parede, esperando que o plano desse resultado. Naquele silêncio opressivo, ouvia apenas os pingos contínuos de uma torneira defeituosa. No quarto, o desfile de músicas nordestinas fora interrompido.

— É para mim o fio? — uma voz exigia confirmação.

Se ele voltar a tocar sanfona a idéia falhou, pensava Leo. Outro receio o assaltou: e se alguém entrar e me encontrar aqui? Mas antes que procurasse resposta, ouviu passos gingados e pesados no corredor. João, acreditando no chamado, dirigia-se ao restaurante para atendê-lo. Era a oportunidade, afinal. Saiu do depósito e dez passos além entrou no pequeno cômodo, cuja porta ficara aberta. Mas a luz fora apagada. Tateou o interruptor e acendeu-a. Ali, sobre a cama, estava uma velha concertina. Igual a do retrato trazido por Zula. Pegou-a na expectativa de localizar as iniciais. Não conseguia ver nada. Ergueu o instrumento na direção da luz, extraindo desastradamente um som inesperado dos teclados. Assustado, descontrolou-se e quase a sanfona lhe escapa das mãos. Não a julgava tão pesada. Procurou as iniciais a ouvir o sopro de sua respiração. Afinal: B e V, duas letras pequenas que o próprio ladrão provavelmente não notara.

Missão cumprida. Aquela sanfona pertencera ao Boa, fora o motivo do crime e bastaria para condenar João Valentão. Leo a repôs sobre a cama, cuidadosamente. Restava apagar a luz e sair.

— O que faz aqui, garoto?

Um homem alto e corpulento, de pele escura e maltratada, vestindo calça e camiseta, ocupava todo o espaço aberto da porta. A fotografia dele estava no carro de Guima, embora, nela, João Valentão sorrisse sem oferecer perigo.

Leo balbuciou uma resposta.

— Sou freguês do restaurante. Entrei por engano.

A explicação não convenceu João Valentão. O pavor que se apoderara de Leo o desmascarou.

— Você está mentindo. Tenho bom ouvido. Foi quem disse que me chamavam ao telefone. Queria que eu saísse do quarto.

Então, ele sabia? Leo sentiu-se perdido. Mas teve força para dizer:

— Por que faria isso?

— Para roubar minha sanfona. E eu odeio ladrões. Já aleijei muitos deles. E não perdôo, mesmo sendo mulheres, velhos ou crianças.

— Vou lhe dar um castigo, ladrão! — ameaçou João, como se a palavra lhe causasse nojo. — Não vai esquecer mais esta surra.

Vendo que o sanfoneiro avançava, erguendo as mãos, Leo recuou até encostar-se numa pequena mesa. Tentar segurar aquele homem com palavras não adiantaria. Fugir, bloqueado pelo seu corpo, impossível. Gritar era a única possibilidade. Foi o que Leo fez com toda a força da garganta mas por curto tempo.

João Valentão tapou a boca de Leo:

— Ladrão! Maldito ladrão!

Leo mordeu a mão do agressor e, por um instante, favorecido pelo inesperado, com João recuando, teve a impressão de que conseguiria alcançar o corredor. Já passava pela porta quando foi agarrado pelo braço e atirado violentamente na cama. Teve aí tempo para outro grito mas não dava para tentar nova fuga.

— Vou lhe dar um castigo, ladrão! — ameaçou João como se a' palavra lhe causasse nojo. — Não vai esquecer mais esta surra.

Leo, sentado como estava, não tinha muitas possibilidades de defesa. Ergueu os braços, protegendo o rosto e passou a desferir pontapés nas pernas de João Valentão, para dificultar ou atenuar o massacre a caminho. Seu esforço serviu apenas para irritar ainda mais o sanfoneiro. Uma saraivada de socos lhe atingiu a cabeça e o peito. Punhos duros, de ferro.

Teve aí a impressão de que apagavam a luz. Engano. Desmaiara.

LEO! LEO! SOU EU, GUIMA!

Guima seguiu até o depósito de bebidas no fim do corredor. Não havia ninguém ali. Apenas ecoavam, insistentes, os pingos da torneira quebrada. Passou a chamar o rapaz, repetidas vezes, com voz de trovão.

— Leo! Leo! Sou eu, Guima! Leo!

Segunda providência: dar murros nas portas. Foi o que fez. Arrombaria todas, decidido a partir para um grande escândalo. Seu amigo Leo só poderia estar num daqueles quartos: talvez ferido ou mesmo morto.

Uma mulher pequena e belicosa apareceu numa das portas.

— Que loucura é essa? O senhor está bêbado ou o quê?

— Bêbado? Tem bandidos neste restaurante.

— Bandidos, aqui?

Através de dois palmos de abertura, Guima viu uma sanfona velha sobre uma cadeira. Mas o que procurava era um ser vivo, não um instrumento.

— Bandidos! Desapareceram com um rapazinho. Ele entrou por aqui e deram sumiço nele.

— Eu estava dormindo, não vi nada.

— Preciso entrar nos quartos.

— Só tenho a chave deste.

— Quem tem as outras?

— Não sei.

— Como não sabe, se trabalha aqui?

— Sou apenas copeira, não sei de nada. Peça as chaves na caixa.

Desesperado, Guima tomou outra decisão, que berrou para quem quisesse ouvir:

— Vou telefonar para a polícia! Vocês raptaram um rapazinho!

E, a passos largos, bufando, voltou ao restaurante. Viu o telefone ao lado da registradora. Trouxera o número da delegacia. Discou nervosamente. Ao completar a ligação, algo pesou em seu ombro: a mão de um dos garçons.

— Seu Sebastião está chamando o senhor.

— Quem?

— O proprietário.

— Mas não tinha ido embora? Era mentira, não?

— Está no quarto ao lado do depósito.

Guima recolocou o telefone no gancho. Sua decisão, proclamada aos berros, assustara o gordo. O mistério chegava ao fim ou um novo drama começaria. Empurrou a vaivém com força. A última porta do corredor já estava aberta e com a luz acesa. Apressou-se. Ao passar pela mulher que acordara, ela trancou-se no quarto.

Sebastião, sentado, diante de uma cama de solteiro, tentava reanimar alguém.

Leo!

— Já está acordando — disse o gordo.

O rapaz abria os olhos. Viu Guima. Sorriu.

— O que aconteceu, garoto?

— Me deram uma surra, mas já estou bem.

— Quem bateu em você? Foi o senhor? — perguntou ao proprietário, já preparando um murro no queixo.

O proprietário apavorou-se.

— Não fui eu, não. Calma, homem!

— Então quem foi?

— Eu explico — disse o gordo. — Esse rapaz tentou roubar uma sanfona.

Guima premeu Sebastião de encontro a um guarda-roupa.

— Eh! O que está falando? Esse moço não é ladrão! Se repetir isso lhe quebro a cara.

Sebastião estava vermelho como um peru.

— Foi o que disse o dono da sanfona. Eu não vi nada.

A copeira que Guima acordara com murros na porta, apareceu.

— Volte para o quarto, Luana — disse-lhe o proprietário. — Está tudo em paz.

— Em paz nada! — bradou Guima. — Quem foi que bateu nele?

Sebastião fez com a cabeça um gesto para Luana, que se retirou. Depois, respondeu à pergunta.

— Foi um sanfoneiro.

— Que sanfoneiro?

— Este quarto é muito usado por músicos. Às vezes, tocam para os fregueses. Aqui descansam, esperam sua vez e afinam os instrumentos.

— Quero é saber o nome dele — exigiu Guima.

— Tem tantos que a gente nem lembra os nomes. O rapaz está melhor. Acho que já pode levantar.

Guima, possesso, esqueceu que estavam lá em missão secreta. Afinal era porteiro de hotel, não detetive.

— Pois vou dizer o apelido dele. — E concluiu no tom mais alto que pôde: — João Valentão!

— Francamente, não sei como se chama. Já o vi algumas vezes, mas...

— João Valentão — repetiu Guima. E revelou para total desagrado de Leo: — Estamos à procura dele. E a polícia também. Sabe por quê? Porque matou um homem! É um assassino!

Sebastião balançava a cabeça:

— Não sei quem é.

— Sabe, sim. Freqüenta esta espelunca.

— Há centenas de pessoas que vêm sempre aqui. Não posso saber o nome de todas. Conheço a maioria apenas de vista. Agora me dê licença, preciso trabalhar.

Assim que Sebastião saiu, Leo levantou-se, apalpando o corpo.

— Você não devia ter falado de João e que a polícia está atrás dele.

— Por quê?

— Porque agora é que ele vai sumir de verdade, entendeu?

Guima entendeu, mas era tarde.

— Eu estava muito nervoso, Leo. Pensei que o tivessem matado. Ninguém me informava nada. Dei murros nas portas, gritei no corredor, ameacei chamar a polícia. Se estraguei tudo, me perdoe. A intenção foi boa.

Apesar das dores generalizadas que sentia, Leo esboçou um fraco sorriso para tranqüilizar Guima.

— Vamos embora.

— E você, como se sente?

— Como se tivesse passado um trem em cima de mim — respondeu Leo. — O homem é um touro selvagem.

— Então era ele, João Valentão?

— Me surpreendeu examinando a sanfona. Foi o maior susto que já levei. Reconheci-o pelo retrato do forró.

— Teve tempo de procurar as iniciais?

Desta vez o sorriso de Leo não foi forçado.

— A sanfona que ele tocava era a de Alexandre.

— Então ele é mesmo o assassino?

— Evidente, Guima.

Voltaram para o carro, Leo descobrindo a cada passo outras regiões doloridas do corpo.

Guima, com ar de culpado, perguntou:

— Então eu não devia ter falado de João Valentão? Acha que está tudo perdido agora?

Dentro do fuscão, massageando as pernas e tentando raciocinar com clareza, depois daquele ciclone, Leo disse:

— Nada de tanto pessimismo. Pode ser até que João ainda esteja no restaurante, num daqueles quartos fechados.

Guima lembrou-se de um detalhe importante:

— Quando aquela mulher, Luana, abriu a porta, vi uma sanfona.

— E o garçom, quando perguntamos de João, disse que ele poderia estar com ela. Devem ser conhecidos, parentes ou namorados.

— Precisava ver como ficou assustada com o barulho que fiz no corredor. Depois, apareceu no quarto, certamente para contar ao sanfoneiro o que estava acontecendo.

Leo olhou fixamente para Guima já não sentindo dor alguma.

— Vamos telefonar. O caso agora é com a polícia. João Valentão pode dormir esta noite na cadeia.

O HOMEM QUE PODERIA TER SALVO BOA-VIDA

No dia seguinte, sábado, Leo trabalhou no Emperor Park até o meio-dia, foi almoçar em casa, sem nada contar a seus pais sobre a surra, para não assustá-los, e correu à delegacia, ansioso por notícias. Guima, com quem marcara encontro, esperava-o na porta. Juntos entraram na sala do doutor Arruda.

— Prenderam o sanfoneiro? — foi perguntando Guima.

O delegado não estava animado.

— Revistamos até o forro do restaurante. Nem cheiro dele. Apertamos o proprietário, o tal de Sebastião, que acabou confessando conhecer João Valentão há muito tempo, mas não soube ou não quis dizer onde se refugiou. Nada também arrancamos dos garçons e do pessoal da cozinha. Deram a impressão de que não queriam colaborar, temendo represálias.

Leo lembrou-se da copeira.

— E a moça de que falei, Luana?

— Ficou totalmente muda. Um ajudante de cozinha insinuou que ela é namorada de João Valentão. Mas acredito que não saiba o destino que ele tomou.

— Encontraram a sanfona?

— Não, Leo. Luana jurou que não havia sanfona em seu quarto. Foi tudo que disse.

Ao afirmar que a polícia estava à procura de João Valentão, Guima provocara sua fuga. Certamente esperara os dois saírem e abandonara o restaurante em seguida. Um cabra danado de esperto.

— Vai ser difícil encontrá-lo sem uma pista — disse Guima com sentimento de culpa pela sua precipitação.

O delegado não pensava assim. Pegando o retrato de João Valentão, trazido por Guima, afirmou:

— Esta fotografia vai sair em todos os jornais. Agora acabou o sigilo. A imprensa apontará o sanfoneiro como assassino de Alexandre de Souza. Com esse corpo enorme e

essa cara tão característica será facilmente reconhecido. Não terá lugar onde se esconder. Como também nem se atreverá a aproximar-se do aeroporto e das estações rodoviárias e ferroviárias. Sua prisão está próxima. Fiquem tranqüilos. E não arrisquem mais a pele por causa desse delinqüente.

— Uma pergunta — disse Leo. — Já sabem o verdadeiro nome dele?

— Soubemos lá no forró que vocês indicaram, o do Afonso. João Valentão chama-se João Gregório dos Santos.

— Muita passagem pela polícia?

— Algumas brigas apenas, Leo. Nunca ficou mais que vinte e quatro horas preso. Isso, porém, não significa que não seja capaz de usar uma arma e matar. Depois, se fosse inocente não se esconderia.

Leo fez uma pilhéria que não mereceu um sorriso do delegado:

— Muriçoca se apresentou e ainda está sob suspeita.

Doutor Arruda levantou-se, dando a entrevista por encerrada.

— O resto da história vocês vão conhecer pelos jornais, quando apanharmos o sanfoneiro. Mas se tiverem outra informação, tragam-na aqui. Nós sabemos como lidar com essa gente. Vocês, não.

Leo e Guima apertaram a mão do delegado.

— Esteja certo de que não bancarei mais o detetive neste caso — garantiu Guima.

Doutor Arruda, acompanhando-os até a porta da sala, lembrou-se de algo.

— Esteve aqui um tal Sandoval de Souza, primo de Alexandre. Está querendo dar uma gratificação para quem denunciar João Valentão. Estava viajando e quer saber tudo sobre o crime. Dei o endereço de Gino. Talvez ele os procure.

●

Na casa de Gino, Ângela aguardava por Leo e Guima com febre de notícias.

— Leo! — exclamou a moça ao vê-lo entrar. — Soubemos que teve ontem uma grande aventura noturna. Viu no que dá trocar as discotecas pelos forrós?

— Como sabem disso? — admirou-se o rapaz. — Guardei segredo para não assustar os velhos.

— Encontrei-me com Ângela hoje cedo — disse Guima.

Leo ergueu a camisa e mostrou algumas manchas arroxeadas no corpo.

— Vejam alguns autógrafos do artista.

— Que tal é ele? — perguntou Ângela. — Uma belezinha, não?

— Nunca ouvi ninguém tocar o "Xote das Meninas" melhor. Tem fina sensibilidade. Pena que suas mãos sejam um tanto pesadas.

— O que disse o delegado? — quis saber Gino.

— A polícia chegou tarde. O bandido já tinha se mandado. A culpa foi do Guima que se descontrolou e disse ao dono do restaurante que Valentão estava sendo procurado por crime de morte. O mesmo que dizer a um rato que há um gato na vizinhança.

Todos riram, inclusive Guima.

— Mas agora terminou o sigilo policial. O retrato do sanfoneiro vai aparecer em todos os jornais. Ele não poderá sair à rua nem vestido de mulher.

Gino, empolgado com o que acontecera na noite anterior, queria informações minuciosas.

— Leo, como foi que teve a idéia brilhante de chamar João Valentão ao telefone?

— Imaginei o que você faria em meu lugar, primo. Mas essa idéia brilhante quase me custa a vida. Preferível ter idéias medíocres. Doem menos.

Novas risadas.

— Estou calculando o susto que levou quando viu aquele gigante na porta.

— Multiplique seu cálculo por cem — disse Leo. — Assim dará para imaginar.

Ângela, que vivia profundamente as emoções suas e alheias, não se conteve e deu um beijo inesperado e ruidoso no rosto de Leo.

— Ele não trocaria esse beijo por nenhum troféu! — exclamou Gino.

— Mais um e ele apanhará João Valentão a unha sozinho — garantiu Guima.

Leo achou graça de tudo, procurou ser natural, mas o beijo o encabulou. Não conseguia olhar de frente para Ângela.

Tocaram a campainha.

Guima foi abrir a porta.

— Por favor, seu Gino está?

— Queira entrar — disse Guima.

Sob os olhares de todos entrou na sala um homem baixo, moreno, de aspecto asseado, usando paletó e gravata, o que causava certa estranheza no informal Bexiga. Sua roupa, nova e de boa qualidade, asseguravam-lhe a elegância da qual parecia fazer muita questão. Uma dessas pessoas, que apesar da origem modesta, alcançam certo nível social e orgulham-se dele.

— Eu sou o Gino. Aqui, todos amigos meus: Guima, Ângela e Leo.

— Estive na delegacia e vim agradecer o interesse pelo caso do Alexandre. Vocês são maravilhosos.

— Quem é o senhor? — perguntou Gino movendo-se em sua cadeira de rodas.

Como diante de um respeitável público, o homem pequeno e elegante disse:

— Sou Sandoval de Souza.

— O primo de Alexandre?! — exclamou Leo. — Pretendíamos procurá-lo.

— Não me encontrariam — lamentou Sandoval. — Cheguei quarta-feira do interior, sem saber de nada. Sou viajante, paro pouco em São Paulo. Tive conhecimento do crime ontem, por coincidência, uma coincidência incrível, ao fazer embrulho com jornal velho. Corri à delegacia.

Como diante de um respeitável público, o homem pequeno e elegante disse: — Sou Sandoval de Souza.

Todos ali, que tinham convivido bastante com Boa-vida, abismavam-se com o mesmo contraste.

— O senhor, primo de Alexandre! — exclamou Ângela, juntando as mãos. — Nunca vi duas pessoas tão diferentes!

— Mais que primos! Meus pais eram irmãos dos pais de Alexandre e fomos criados na mesma casa, lá no Nordeste, até aos dezoito anos.

— Não se parecem no físico e muito menos na maneira de vestir — observou Gino. — São capazes de imaginar o Boa-vida usando paletó e gravata? Morreria se fosse obrigado a apertar um laço no pescoço!

Gino apontou uma cadeira, Sandoval sentou-se.

— Doutor Arruda disse que o senhor tinha estado na delegacia.

— Úm homem muito atencioso. Perfeito cavalheiro. Disse-lhe que estou disposto a cooperar para prender o assassino.

— Ele lhe falou de João Valentão? — perguntou Guima.

— Falou — respondeu Sandoval com certa tristeza.

— Como o senhor poderia cooperar? — quis saber Ângela.

— Oferecendo uma gratificação para quem o denunciar. Qualquer coisa assim. Estou com muito remorso. Meu coração está doendo. Preciso ajudar a prender esse homem.

Ninguém entendeu o sentido de confissão e a dramaticidade que o primo de Alexandre aduziu às suas palavras. O ar gracioso, sua postura refinada de engravatado e até a voz firme de homem bem-sucedido foram substituídos pela expressão amarga de alguém que sofria muito.

— Remorso de quê?

Sandoval por um instante arrependeu-se do que dissera mas a confissão já estava na garganta.

— Nunca dei a menor importância a meu primo. Até envergonhava-me de ser parente de alguém apelidado Boa-vida. Saí de minha terra, pobre como ele, porém disposto a vencer. Exerci nesta cidade muitas profissões modestas. Passei humilhações. E depois de tanto sacrifício, fui recompensado. Por

isso desprezava Alexandre. Evitei-o durante anos. E quando, ultimamente, descobriu meu endereço, passando a visitar-me, quase sempre para pedir dinheiro emprestado, tive ódio dele.

Ângela era a mais atenta e comovida:

— Não lamente muito — disse. — Mesmo que quisesse, não poderia fazer muito por Alexandre. Ele não aceitava empregos fixos. O que pretendia era ser livre, mais nada.

Sandoval levantou-se, ficou perto da janela. Precisava respirar.

— Fui muito egoísta. Quando o via com aquela camisa verde... Julgava-me melhor do que ele.

Guima, embaraçado com a cena, tratou de pôr um fim nela.

— O senhor não tem culpa do que aconteceu. Cada um segue seu destino.

A intervenção impaciente de Guima fez com que Sandoval aprofundasse sua confissão.

— Tive culpa, sim. Eu poderia ter salvo Alexandre.

Agora a mágoa de Sandoval ficava mais definida. Tivera culpa, sim. Gino sentou-se na ponta da cadeira, dando a impressão de que ia andar.

— Como poderia ter salvo?

Sandoval olhou um a um encontrando em todos igual ansiedade.

— Poderia, não se trata de força de expressão. Na véspera do crime, quando eu aprontava as malas para viajar, Alexandre chegou ao meu apartamento. Depois de conversarmos um pouco, disse que sua vida corria perigo. Fora ameaçado de morte por um ex-amigo.

— Disse o nome?

— Não, Gino. Eu estava com pressa de viajar e pouco interessado em sua história. Ele pediu que o deixasse ficar em meu apartamento pelo menos em minha ausência. Mesmo ouvindo dele que morava numa construção abandonada, não permiti. Não suportaria ver um boa-vida ocupando o meu lugar e quem sabe me criando problemas. O que fiz por ele

foi apenas lhe enfiar algum dinheiro no bolso. Como disse, poderia ter salvo Alexandre.

Houve um silêncio opressivo realçando a culpa que Sandoval se atribuía.

— O senhor não é adivinho — comentou Ângela. — Não adianta ficar curtindo seu remorso. Esqueça, seu Sandoval.

— Bem, não pretendo morrer de arrependimento — disse o primo de Alexandre. — Sei que tudo passa. Mas vou oferecer uma gratificação a quem delatar João Valentão.

— Isso vai estreitar o cerco em torno dele — asseverou Guima.

— E gostaria que vocês me informassem, caso venham a saber de alguma coisa. — Retirou a carteira do bolso. — Vou deixar meu cartão. E hoje mesmo visitarei alguns jornais.

Leo levantou-se para abrir a porta, já que Sandoval estava de saída.

— Dona Elvira com certeza gostaria de receber sua visita.

Sandoval enrugou a testa.

— Que Elvira?

— A mulher dele.

— A mulher de quem? — perguntou Sandoval, sem entender nada.

Leo fez uma pausa para gozar o prazer da revelação, o lado misterioso da vida de Alexandre, sua face oculta.

— A mulher de Boa-vida. Desculpe-me mas aqui é como o chamávamos. Boa-vida. Até seu verdadeiro nome desconhecíamos. Figuras folclóricas como ele não têm nome e sobrenome, apenas apelido.

Sandoval olhava para Leo, paralisado. Ouvira a notícia mais surpreendente do ano. O rapaz lembrou-se de que, embora com menos intensidade, todos tinham tido reação semelhante.

— Não sabia disso.

— E nós, sabíamos? Ficamos sabendo, eu e meus pais, quando vimos uma mulher de preto chorando no cemitério.

Como não a conhecíamos, e havia tão poucas pessoas presentes, fomos perguntar quem era ela. Precisava ver a cara que minha mãe fez.

Sandoval quis saber mais:

— Mas onde ela vivia, com ele lá na obra?

— Não, estavam separados há alguns anos.

— Divorciados?

— Apenas separados. Elvira alimentava esperanças de que um dia Boa-vida criasse juízo e pudessem viver juntos outra vez. Foi a impressão que eu e Ângela tivemos.

Sandoval não se refazia da surpresa.

— Isso ele nunca me disse. Tinham filhos?

— Não — respondeu Leo.

— Ainda bem! Com aquela cabeça oca foi bom não deixar descendentes. Mas quem é essa mulher? Essa Elvira? Mora em São Paulo?

Leo forneceu todas informações que pôde.

— É proprietária de uma loja que vende pássaros e gaiolas, O Passaredo, na Liberdade. Uma mulher até bem apessoada. Aqui, entre nós, nem sei como foi interessar-se pelo seu primo. Talvez por ser sozinha na vida, uma solitária.

Sandoval pediu o endereço da loja. Parecia atingido por um tijolo na testa ou obrigado a engolir uma batata quente. Mas reagiu, empertigou-se, a gravata foi recolocada no lugar certo, acenou para o grupo, e saiu.

Leo foi espiar à janela e viu o pequeno e elegante Sandoval entrar e quase desaparecer num carro grande. O remorso, por não ter salvo o primo, cedendo-lhe temporariamente o apartamento, ainda pesava nele.

Na sala permanecia um clima de tristeza. Há erros irremediáveis, era no que todos deviam estar pensando. E a prisão de João Valentão, que Sandoval pretendia comprar com dinheiro, talvez não aliviasse sua mágoa.

— Estou com muita pena dele — murmurou Ângela. — A morte de Alexandre é um fardo que carregará para sempre. E se arrependimento mata, não terá vida longa.

Naquela noite, quando foi para a cama, Leo ainda sentiu dores no corpo todo. Bastava fechar os olhos e as cenas do

Beco do Sebastião repetiam-se como numa tela. E alguns daqueles rostos desfilavam com expressões fixas: João com seu ódio, o dono do restaurante alheio a tudo e Luana como se ocultasse um incômodo segredo. Principalmente — e por quê? — o rosto de Luana. Custou a dormir e ao acordar, na madrugada, sua cabeça trabalhava. Algo tomava forma em sua mente, crescia, ganhava solidez. Seria um novo plano?

UM BOM TEATRO E UMA ÓTIMA PIZZA ANTES DA AÇÃO

Assim que terminava o dia de trabalho no hotel, Leo dirigia-se, às pressas, à casa de Gino para saber das novidades. No Park nem rádio tinha tempo de ouvir, tantos eram os chamados dos apartamentos. Vivia pelos elevadores e corredores atendendo aos contínuos pedidos, esforço que as boas gorjetas compensavam. Guima, na portaria, recebendo novos hóspedes, carregando malas e chamando táxis para os que saíam, mantinha-se desinformado.

— Sandoval já esteve nos jornais — comunicou Gino ao primo mostrando-lhe uma reportagem. — Aqui está o retrato dele. Oferece boa gratificação a quem apontar o dedo para onde João estiver escondido. O repórter foi também a O Passaredo da Elvira. Ela diz cobras e lagartos do sanfoneiro. E até o Muriçoca mereceu algumas linhas.

— O que o jornal diz dele?

— Que foi a pessoa que colaborou com as investigações, mencionando o Forró do Afonso, onde João Valentão costumava tocar. Apenas não registra que ele continua desempre-

gado. O que interessa isso para os leitores, não? É apenas mais um — observou Gino com amargura.

Leo passou os olhos pelo jornal e disse ao primo:

— Tenho um plano para prender João Valentão, caso a polícia não consiga.

Gino sorriu, nervosamente:

— Leo, por favor! Não se meta mais nisso! Esqueceu que João Valentão quase o matou? Sua vida esteve por um fio. Não queira bancar o herói mesmo porquê, desta vez, o Guima não lhe faria companhia.

Leo sacudiu a cabeça:

— Eu não iria com o Guima. Iria com Ângela!

— Ângela? Você pirou. Quer jogar uma menina nessa fogueira?

— Um momento. Você não ouviu o plano.

— Nem quero ouvir. Não desejo ser cúmplice de um duplo assassinato.

— O plano tem boa margem de segurança.

— Já disse: não quero ouvir.

— Está certo, enxadrista. Faz de conta que não disse nada. Vamos deixar a polícia fazer seu trabalho. Ela ganha para isso.

Nesse instante Zula chegava da cantina, como sempre trazendo um sorriso, que de tão permanente parecia preso aos lábios com fita colante. Ainda mais agora, espécie de gerente do restaurante, promovida graças à qualidade dos seus dons culinários, seu humor fora de bom para ótimo.

— Olá, filho! Como vai, Leo?

— Tudo bem, tia. Soubemos que é quem está mandando lá na cantina.

— Depois de tantos anos! É bom ter um carguinho. Além de um ordenado mais polpudo, há outras compensações. Hoje, por exemplo, esteve um diretor de teatro na cantina. E sabe o que ofereceu à gerente? Alguns ingressos para um espetáculo, aqui no Bexiga.

Gino recebeu a notícia com satisfação. Fazia meses que não ia ao teatro.

— Gostaria de ir comigo, Leo? O que me diz de sexta-feira?

— Sexta-feira está bem — concordou o primo.

Aí, Zula, provando que conhecia perfeitamente o sobrinho, fez a grande sugestão:

— Por que não convidam também aquela mocinha bonita, a Ângela?

Gino brincou:

— Ele não vai querer.

— Tia! — exclamou Leo. — Pena que não estamos em dezembro pois não precisaria me dar outro presente de Natal!

— Não canse demais seu coração — aconselhou Gino. — Pode ser que ela não possa ir com a mãe enjoada que tem.

Leo afundou na cadeira como se alguém tivesse alfinetado uma poltrona de inflar. Enjoada a mãe de Ângela? Enjoadíssima.

— Vá convidar a mocinha — animou-o Zula. — E tem mais: diga-lhe que depois do teatro vocês irão à cantina. Oferta da casa. Tudo grátis.

Leo sentiu que bombavam a poltrona furada. Era o sopro do otimismo. Levantou-se e deu um beijo na tia.

SEU RAFA JÁ SABIA DE TUDO

A noite Leo encontrou em sua casa todos os jornais que comentavam o crime da sanfona e anunciavam o prêmio oferecido para quem denunciasse o criminoso. Mas não os leu com atenção. Sua cabeça estava cheia: o plano, que Gino

não quisera ouvir, o convite a Ângela, que podia ser recusado, preocupavam. E a perspectiva de ir com a quase-namorada ao teatro e à cantina fazia o sangue circular com mais velocidade e calor.

A porta do quarto se abriu: Rafa, seu pai. Aguardava um momento para conversar a sós com o filho.

— Está se sentindo bem, filho?

— Perfeitamente, pai.

— Leu os jornais? Agora caçam esse João Valentão.

— Ele está cercado.

Rafa, que segurava uma pequena escultura de madeira na qual trabalhava para vender na feira de artesanato da Praça da República, aproximou-se do filho com uma ordem.

— Tire a camisa.

— O quê, pai?

— Tire a camisa.

Leo obedeceu com naturalidade. Jogou a camisa sobre a cama. As marcas deixadas pelos punhos de João Valentão, no Beco do Sebastião, já se diluíam. Nada que impressionasse.

— Não quis dar susto em ninguém — disse Leo. — Como soube da história, pai?

— Encontrei o doutor Arruda na rua. E ele perguntou se você estava melhor. Eu disse que não estava doente. Então me contou tudo. Falou que você foi valente, mas agiu com imprudência. Perder a vida para prender um criminoso é um péssimo negócio.

Leo meneava a cabeça, concordando.

— A idéia era outra, pai. Não sou corajoso. É que alguma coisa deu errado.

— Acredito, filho. Mas não vá se aproximar novamente desse homem. Agora, vista a camisa, antes que Iolanda apareça e veja essas manchas.

Enquanto apanhava a camisa, Leo fez um pedido ao pai, num tom especial de voz:

— Não se zangue com o Guima. Se alguém teve culpa do acontecido, fui eu. O coitado quase morreu de susto.

Rafael, o pai e artista da família, mostrou ao filho a escultura: um garimpeiro com sua peneira.

— Que tal, Leo?

— Uma beleza, pai. Tem vida. Parece que está mexendo a peneira.

— Vai sair depois do jantar?

— Vou ao Morro dos Ingleses, conversar com Ângela.

— Dizem que o pai dela é um homem importante. Estão de namoro?

Leo enfiou a camisa pelo pescoço, respondendo:

— Não, pai. Que é isso?

— Ela gosta de arte ou é dessas meninas bobinhas que andam por aí?

— Ângela tem muita sensibilidade. E lê tudo o que lhe cai nas mãos.

Rafael olhou para a estatueta como quem se despede:

— Dê o garimpeiro para ela.

— Pai! Que legal!

— Uma boa amizade vale um bom presente — disse Rafael, já saindo do quarto.

Leo pegou a estatueta, admirando-a minuciosamente. Por uns momentos esqueceu o plano.

●

Encontraram-se na esquina depois de um telefonema. Ângela gostou da estatueta, agradeceu muito e pensou num bom lugar onde pudesse colocá-la em seu apartamento. Resolveu que ficaria num dos nichos da biblioteca.

— Gino tem alguns ingressos de teatro para sexta-feira. Se quiser ir conosco, depois daremos uma esticada na cantina que a mãe dele gerencia. Tudo pertinho. Vamos?

Ângela não podia resolver no momento.

— Mamãe anda muito implicante.

— Gostaria que fosse para podermos, juntos, convencer o Gino.

— Convencê-lo a quê?

— A executarmos um plano — disse Leo em voz tão baixa que a moça quase não ouviu. E olhando ao redor, como se houvesse espiões na rua, continuou: — Trata-se de uma idéia para localizar João Valentão. Bolei ontem à noite.

Ângela não se entusiasmou.

— Não tem lido os jornais? A polícia está toda na rua para apanhá-lo. É uma questão de dias.

— Está certo. Mas digamos que ela o deixe escapar. Para mim ele está muito bem escondido.

— Acha que o Guima o acompanharia outra vez, depois do que houve?

— Quem falou em Guima? Ele não pode entrar nessa. Ficou marcado.

— Você trabalharia sozinho?

— Não, vou precisar de outra pessoa.

— Quem?

— Você.

Leo gostava de quando os olhos verdes de Ângela brilhavam, e eles brilharam.

— Coisa perigosa?

— Um pouquinho.

— Perigosa para nós dois?

— A bem da verdade, mais para você. Sua parte será maior.

Ângela começava a interessar-se, mas aprendera com Gino a conter emoções para não atropelar os pensamentos.

— O que seu primo disse da idéia?

— Nem quis ouvir.

— Por quê?

— Medo de que me saia mal como aconteceu no Beco do Sebastião. E quando disse que você faria parte do plano

aí é que não quis mais conversa. Acha que é um risco inútil, já que o doutor Arruda e seus homens estão atrás de João.

Ângela ficou ansiosa por conhecer o plano. Sugeriu um giro pelo quarteirão antes de voltar para casa. Que contasse depressa porque havia um programa de televisão que não queria perder.

CONTINUA DESAPARECIDO
O AUTOR DO CRIME DA SANFONA

NENHUMA PISTA AINDA
DE JOÃO VALENTÃO

DOBRADA A GRATIFICAÇÃO
PARA QUEM DENUNCIAR
O SANFONEIRO

Leo empurrou a cadeira de Gino até o teatro, tendo ao lado Ângela que estreava um vestido de mil cores. Gino, ao vê-la, riu dizendo que ela parecia uma bandeira ou uma dessas pipas, especiais para concursos, que se empinam no Ibirapuera.

O teatro estava lotado. Tratava-se de uma peça destinada à juventude, baseada em Robinson Crusoé, o náufrago que passou muitos anos numa ilha na companhia de um índio, apelidado Sexta-feira. Gino não teve dificuldade em passar de sua cadeira de rodas a uma das poltronas laterais, acomodando-se muito à vontade.

— Já lhe contou o plano? — perguntou Ângela a Leo, em voz baixa, antes que o espetáculo começasse.

— Ainda não — respondeu Leo.

— Se ele tem lido os jornais deve saber que a polícia continua no marco zero.

— Caso ele goste da peça acabará cedendo — disse Leo. — Conheço bem o primo.

— Acha a participação dele tão importante assim?

— Três cabeças pensam melhor que duas — garantiu Leo. — E não podemos negar que o enxadrista tem massa cefálica da melhor qualidade. Esse é um plano que não pode ter nenhum furo.

— Pssiu... — fez Gino, vendo a cortina da boca do palco abrir-se.

Apesar da situação dramática de um náufrago que se vê sozinho numa ilha, a peça tinha muito bom humor. Os monólogos de Robinson eram realmente engraçados. Quando Gino riu pela primeira vez, Leo e Ângela trocaram-se olhares. E ao rir pela segunda, Leo pôs o polegar para cima, já confiante.

Leo e Ângela puxavam palmas de um quadro para outro. No intervalo Leo foi para o saguão comprar balas e chocolates. Estava muito alegre, porque ir com Ângela ao teatro, sentar-se ao lado dela hora e meia, era o máximo.

O espetáculo terminou. Embora fazendo muito esforço, Gino fez questão de se levantar para aplaudir. Gostava de gente como Robinson Crusoé, que nunca se dá por vencida nem perde tempo com lágrimas. Em seguida, passou para sua ilha, a cadeira de rodas.

— Boa adaptação! — comentou. — Não houve um único momento de monotonia. Gostou, Ângela?

— Adorei, Gino! Obrigada pelo ingresso.

— Agora vamos dar um pulo à cantina. Mamãe já nos reservou uma mesa. Estou morrendo de fome, e vocês?

— Nem preciso estar com muita fome para devorar uma *pizza* — disse Leo. — Acho que hoje vou de calabresa.

— Então empurrem esta joça até a cantina — ordenou Gino.

Quase todas as mesas da cantina estavam ocupadas porque uma numerosa família ítalo-brasileira comemorava ruidosamente as bodas de ouro de um simpático casal de vovôs. Um dos membros do clã, de garrafa em punho, naturalmente quase vazia, cantava uma antiga cançoneta — "Dio come ti amo" — em homenagem aos velhinhos. Voz péssima, mas a emoção que o cantor transmitia era indiscutível. Uma das mulheres, comovida, não parava de chorar embora sem colocar de lado seu prato de talharine à bolonhesa.

Logo formou-se um coro:

— Viva a família Ricardi! Viva a família Ricardi!

A alegria dessa comemoração transbordava, envolvendo as demais mesas. Mesmo os fregueses que nada tinham a ver com a festa levantavam-se e iam cumprimentar os Ricardi pelas bodas. Alguns nem voltavam aos seus lugares, convidados a permanecer na extravasante ala da família.

— Nunca vi um lugar tão alegre! — comentou Ângela.

— Isso é sempre assim. Por isso que minha mãe vive contente. Trabalha aqui.

Um garçom aproximou-se dos três.

— Aquela é a mesa que dona Zula reservou.

Gino logo pegou o cardápio. Ângela, observando os festivos Ricardi, perdera a fome. E Leo perguntava-se se naquele ambiente barulhento e musical haveria oportunidade de abordar o assunto principal da noite. Decidiu não ter pressa.

Vieram as *pizzas*. Na mesa dos Ricardi alguém fazia um discurso. A mulher que chorava, passou a soluçar. Exigiram que os velhinhos se beijassem.

— Que tal a calabresa? — perguntou Gino.

— Bem no capricho. E sua *mozzarella*?

— Divina!

O cantor não teve paciência de esperar o fim do discurso: começou outra canção, "Arrivederci Roma". À medida em que sua voz enrouquecia, piorava, seu sentimentalismo crescia. A garrafa que segurava na mão já era outra.

— Estão sendo bem servidos?

Era tia Zula que chegava.

— A senhora é formidável! — exclamou Ângela. — Preparou tudo certinho.

— Se quiserem mais, nada de cerimônias. E quando sair, o porteiro vai acompanhá-la até sua casa. Já está conversado. Agora, divirtam-se!

A cantina não era lugar para dançar, mas os festivos Ricardi de três gerações (a quarta estava no colo de algumas mulheres) dançavam no exíguo espaço entre as mesas. Uma garrafa de vinho foi ao chão. Nem por isso o orador interrompeu seu discurso. A Ricardi das lágrimas, falando pela primeira vez, garantiu que aquela era a noite mais feliz de sua vida. E tornou a chorar.

Um dos membros da família, que bebera tanto quanto comera, aproximou-se, expansivo, da mesa dos primos:

— Cinqüenta anos de casados, rapazes! Meio século de vida em comum!

— E aposto que nenhuma briga — arriscou Gino.

— Aí é que se engana, filho. Brigam todos os dias. E antes de que esta festa termine, brigarão outra vez. Mas são muito felizes!

Os três riram a valer da aposta fracassada de Gino. Ainda havia mais *pizza*. Ângela, porém, já se concentrava no plano.

— Tem lido os jornais?

— Tomar banho e ler os jornais são coisas que faço todos os dias.

— João Valentão continua solto. A polícia já deve estar esfriando, com tantos delinqüentes livres por aí.

Gino cortou um pedaço de *pizza* como se nada mais no mundo o interessasse.

— Vamos esperar pelo acaso — disse Leo, irônico. — Às vezes a polícia dá sorte.

Gino pôs novamente a faca e o garfo em posição de ataque mas acabou largando-os sobre o prato. Recuou o corpo e cruzou os braços.

— Bem, vamos ao plano.

Leo e Ângela sorriram: Gino estava fisgado. E com aquela cara de muita atenção. Agora ia depender da qualidade da isca.

UMA VOZ FRIA AO TELEFONE

Chamar aquilo de pensão era valorizar demasiadamente a reles casa de cômodos do Constantino. Em cada quarto amontoavam-se diversas camas, sem espaço para cadeiras e criados-mudos. Apenas um guarda-roupa para todos e uma estreita janela que garantia aos inquilinos sua quota diária de ar renovado. Quem sofresse de claustrofobia não moraria ali. Boa-vida preferira a ventilação abundante dum edifício em construção, determinação que lhe custara a vida.

Muriçoca estava estirado na cama, com sapato e tudo, os olhos no velho teto de madeira do casarão do início do século. Pensava numa saída para o maior de seus problemas mensais: o pagamento da vaga. Morar era mais difícil que comer. Conseguia manter-se vivo e de pé apenas com um pingado, café com leite, e algumas frutas baratas, desprezadas pelos feirantes. Um simples almoço comercial já era um luxo. Somente um faquir o venceria numa competição de resistência à fome. A cama e o teto da casa de Constantino custavam mais que a comida e o aluguel não podia ser adiado. Quem

Muriçoca ouviu uma voz distante e velada.
— É você, traidor?

atrasasse, era enxotado. Muriçoca vira muitos inquilinos jogados na rua, e sem as roupas. Com esse receio, guardava todo dinheiro que podia, ganho como carregador, eventual servente de pedreiro e vigia substituto de obras. Não que temesse dormir na rua. Um banco ou o colchão duro do Constantino não fazia diferença. Seu pavor — sim, pavor — era ser detido como vagabundo, pois não possuía emprego, situação suspeita e condenável.

A cara do albergueiro apareceu à porta:

— Telefone, Muriçoca!

— Para mim?

— Deve ser algum emprego no Banco do Brasil.

Sempre faziam brincadeiras com ele. Nem todas agradáveis.

Muriçoca foi à cozinha e atendeu. Deixara seu telefone em mil endereços onde preenchera fichas.

— Pronto!

Ouviu uma voz distante e velada.

— É você, traidor?

Alguém falava com um papel ou lenço no bocal. Outra gozação?

— Quem está falando?

— Um amigo de João.

— Que João?

— Ainda pergunta que João? Dedou ele pelos jornais. Deu a pista do Forró do Afonso.

— Não dedei ninguém. Quem é que está falando?

— Seu linguarudo, alcagüeta, finório...

— Mas quem é você?

— Já disse quem sou. Amigo do João. E do peito. Não que nem você, mosquito. Sou amigo de fé.

— Te conheço?

A voz, com mais timbre, mais ameaça:

— Mas eu te conheço. E isso é que importa.

— Tá certo, me conhece e daí?

— Daí vou fazer um serviço pro João. Ele quer uma orelha tua. Vou te apanhar. No virar duma esquina. Ou entro aí no Constantino, na madruga, e te espeto.

— Mas quem tá falando?

— O recado tá dado, falador. Já papeei até demais.

E bateu o telefone.

Constantino, que estava por perto, sempre interessado na vida alheia, perguntou:

— Quem era, Muriçoca?

— Não sei, alguém fazendo brincadeira.

— Brincadeira? Mas você está branco, igual àquela parede, Muri. Parece que vai afocinhar no chão.

O nordestino acreditou: sua cara devia estar assim mesmo.

O SEGUNDO RECADO TELEFÔNICO

Elvira estava sozinha n'O Passaredo relendo a reportagem onde aparecera sua fotografia. Pensou se aquilo podia resultar em alguma publicidade para a loja. Quem sabe aumentasse a freguesia, principalmente se o criminoso continuasse foragido. Recortou a reportagem e guardava-a numa gaveta quando o telefone tocou.

— É d'O Passaredo.

Uma voz distante, velada:

— Quero falar com a dona.

— É ela.

— Dona Elvira?

— Sim.

— Tenho um recado pra senhora.

— Do senhor Slang?

— Não é de nenhum gringo, madame. É do João.

— Que João?

— João Valentão.

Uma pausa. Entrou um freguês. Elvira viu-o por um espelho e assustou-se.

— O que ele quer? Quase nem lembro dele!

— Pois aguarde uma visita.

— O que vem fazer aqui?

— Não disse que ele que vai. Pode ser eu. Tá assustada, delatora?

— Mas o que foi que fiz?

— Fez onda, madame. Pôs a polícia no rastro do João.

— Ele está enganado. Só confirmei que brigava muito com o Alexandre, nada mais.

— Mas o João não gostou. E a senhora sabe como ele é.

— Bobagem. Diga para ele se acalmar. Só respondi a umas perguntas do repórter.

— Devia ter fechado o bico. Agora é tarde pra se arrepender. Pegue o terço e comece a rezar.

Elvira desligou antes. Ficou parada, esquecida do freguês.

— Queria ver uns canários — disse ele.

— Agora, não. Preciso sair. Vou fechar a loja.

Minutos depois, Elvira apanhava um táxi para a delegacia. Apavorada. Em cada carro que acompanhasse o seu, via João Valentão. Se não fossem tantos compromissos, jamais voltaria a O Passaredo.

●

Ao toque da campainha, Zula abriu a porta: era o Muriçoca, tão assustado como se tivesse topado com um leão ao dobrar de uma esquina. Queria falar com Gino. Entrou.

— Ele já vem. Senta um pouco.

— Não quero.

— Um café?

— Obrigado — recusou.

— O que aconteceu, Muriçoca? Querem prender você de novo?

— Seria até melhor — respondeu Muriçoca.

— O que foi? Perdeu o medo da polícia?

Gino surgiu na sala em sua cadeira de rodas. A cara de Muriçoca contava más notícias.

— Que aconteceu?

Ele não estava ali apenas para falar de seu medo. Fez acusações.

— Vocês me puseram numa encrenca — disse. — Não deviam ter me forçado a falar. Agora a coisa estourou em cima de mim. A corda arrebentou do lado mais fraco.

Gino e Zula não entendiam:

— Acalme-se e explique-se — pediu Gino. — Acomode-se.

Muriçoca sentou-se por alguns segundos apenas. O medo agia nele como uma mola.

— Eu não devia ter dito onde encontrar João Valentão.

— Por quê?

— Saiu no jornal.

— Não foi culpa nossa — garantiu Gino. — Acho que alguém na polícia informou a reportagem. Não deixa de ser um detalhe curioso: a mesma pessoa que encontrou o corpo diz onde o criminoso pode ser encontrado. Um suspeito colaborando na prisão do verdadeiro homicida. João nem vai ler.

— Mas leu!

Gino não contava com essa.

— Como sabe?

— Um amigo dele telefonou para a pensão.

— Falou com você?

— Falou.

— E o que disse?

— Um recado de João. Disse que vai me cortar uma orelha. Mas acho que não ficará só nisso.

— Essa pessoa o acusou de delatar João?

— Acusou.

— Reconheceu a voz? Pode ser um dos ex-moradores da casa de cômodos.

— Não reconheci. Falava com lenço.

— Seria o próprio João?

Muriçoca admitiu que sim, meneando a cabeça. Mas o que o preocupava era sua segurança.

— Ele quer me matar. E na casa do Constantino. Ele disse. Vai me espetar. De madrugada.

— Por favor, Muriçoca! Calma! Quer água?

— Não quero nada. E não consigo me acalmar. Vou morrer e por sua culpa e de seu primo — acusava Muriçoca. — Agora não posso voltar mais à pensão. Ficarei vagando pelas ruas, desempregado e sem teto, até que me prendam.

Gino teve uma idéia:

— Então volte à sua terra. Nós lhe damos dinheiro.

Outra coisa que Muriçoca não queria:

— Fazer o que lá? Não tenho mais parentes no Nordeste.

— Não sei como ajudar você — confessou Gino.

— Mas eu sei — disse Zula, convicta. — Você vai dormir em segurança e ao mesmo tempo se livrará do aluguel da vaga. Já sei onde pode ficar.

— Onde? — perguntou Muriçoca.

— Onde? — quis saber Gino.

— Aqui — respondeu Zula. — Temos quarto de empregada e não temos empregada. — Acredite que é muito mais limpo e ventilado que seu quarto na casa do Constantino, aquele ganancioso.

Muriçoca olhou para Gino.

— Minha mãe não precisa de minha autorização — disse ele. — Aceita dormir aqui em casa?

— Vou buscar a mala.

— Afinal aceitou alguma coisa — comentou Gino. — Mas, cuidado! Não diga a ninguém que está se mudando para cá. Não queremos receber a gentil visita do senhor João Valentão.

Muriçoca abriu a porta e saiu como uma bala. O medo apertara o gatilho.

O TERCEIRO TELEFONEMA

Leo ficou surpreso ao chegar em casa, no fim de tarde da segunda-feira, e encontrar Sandoval de Souza conversando com seus pais. Fora agradecer tudo que os Fantini haviam feito por Boa-vida e a presença deles no enterro, quando viajava.

— Vocês têm muito bom coração. Calculo quantos almoços ele filou aqui. Eu, que era parente, evitava-o. Sempre o considerei um vagabundo.

— Ele trabalhava muito até — discordou dona Iolanda. — Não recusava trabalho. Alguns, inclusive perigosos, como o de ajustar antenas de televisão nos telhados. Uma vez houve um incêndio e ele ajudou os bombeiros a salvarem algumas vidas. Sua birra era com os relógios de ponto e com as carteiras de trabalho.

— Não cheguei a conhecer bem o meu primo — disse Sandoval. — E lamento isso.

Rafael, saudoso, lembrou da paixão que Boa-vida tinha pelas viagens.

— Colecionava folhetos de turismo! Já viu alguém fazer isso? Para poder correr o mundo jogava na loteca e comprava bilhetes. Coitado! Levou sua ilusão para o túmulo. Jamais ganhou um único tostão.

Sandoval deixava escapar uma lágrima quando Leo lhe perguntou:

— A polícia deu alguma notícia do assassino?

— A polícia, não — revelou Sandoval com um riso restrito ao canto da boca. — O próprio João Valentão se incumbiu de me dar suas notícias.

Rafael teve de sentar-se para tentar entender:

— Como assim?

— Recebi um telefonema da parte dele. Alguém falando através de um papel de seda, e provavelmente de um telefone público. Ouvi muito barulho e buzinadas.

Seu pequeno público arrepiou-se.

— O que ele disse? — perguntou Leo.

Sandoval não queria dramatizar e foi com naturalidade que contou o resto.

— Disse que vai me matar. Na verdade o que prometeu foi uma chacina: matar também Muriçoca e a mulher de Alexandre.

— Mas, por quê? — perguntou dona Iolanda.

— Porque acha que fomos nós três que lançamos a polícia nos seus calcanhares.

Leo tinha uma pergunta importante a fazer:

— Sabe se ele já telefonou para os outros?

— Não sei.

O pai de Leo tinha um conselho urgente a dar:

— Vá depressa à delegacia e conte tudo, seu Sandoval.

Sandoval sacudiu a cabeça:

— Não disponho de tempo. Vou viajar hoje mesmo.

— Mas Muriçoca e Elvira correrão perigo — acrescentou Leo.

— Pode ser que ele quis apenas assustar — declarou Sandoval. — Mas, dos três, o mais visado seria eu, que ofereci a gratificação para quem apanhasse João Valentão. De qualquer forma, quando chegar ao interior, telefonarei ao doutor Arruda. Agora vou indo.

Sandoval abraçou carinhosamente dona Iolanda e apertou a mão de Rafael e de Leo.

— Esqueça aquela fera — aconselhou ao rapaz. — Deixe a tarefa para a polícia. Além de muito violento, é doido também.

Quando Sandoval se retirou, Rafael fez um comentário:

— Acabaram de ver um homem apavorado.

— Também tive essa impressão — disse dona Iolanda —, embora procurasse parecer natural.

— Acho que inventou essa viagem — disse Leo. — Mas não se pode acusar nenhuma pessoa por sentir medo. Agora vou passar pela casa de Gino. Quero informá-lo sobre esse telefonema. E também saber se Muriçoca e Elvira receberam ameaças iguais.

Na casa de Gino uma notícia boa aguardava Leo: Ângela. Fora convocada por Gino para o ensaio geral do plano que ele e Leo realizariam na tarde do dia seguinte. Tudo precisava estar muito bem estudado.

— Muriçoca foi ameaçado pelo telefone — contou Gino. — Minha mãe o levou à delegacia para pôr o doutor Arruda a par do caso.

— Já esperava por isso — disse Leo.

— Como esperava?

— Sandoval passou pela minha casa. Está de viagem. Disse que recebeu um telefonema de alguém se dizendo amigo de João Valentão, e que falava através de um papel de seda.

— Queriam que visse Muriçoca. Morrendo de medo. Não quis mais voltar à pensão do Constantino. E sabem onde está morando agora? — perguntou Gino. — Em nosso quarto de empregada. Mais uma generosidade da santa dona Zula.

Tocaram a campainha. Leo abriu a porta. Eram Zula e Muriçoca voltando da delegacia.

— Falaram com o delegado? — perguntou Gino.

— Fomos recebidos imediatamente — disse Zula. — Outro caso igual estava sendo relatado.

— Dona Elvira? — adivinhou Leo.

— Tiveram que lhe dar um calmante.

— O que disse doutor Arruda?

— Para ele — respondeu Zula — os telefonemas apenas provam o desespero de João Valentão. Um cachorro que late, mas que não morderá mais.

Gino voltou-se para Muriçoca:

— Mais calmo, agora?

— Um pouco — ele admitiu de má vontade.

— Vou lhe mostrar o quarto — disse-lhe Zula, levando-o pelo corredor.

Assim que se afastaram, Gino comentou:

— Está revoltado contra nós. Diz que João o ameaça porque nos deu a dica do Forró do Afonso. E o diabo é que saiu nos jornais. Esses repórteres!

— Acha que aqui em sua casa ele está seguro? — perguntou Ângela.

— Concordo com o doutor Arruda — disse Gino. — Valentão está latindo apenas para assustar. Mas o fato é que o sanfoneiro não tem nada de pequinês. É um cachorrão, um fila.

— E talvez esteja hidrófobo — acrescentou Leo.

Ângela preocupava-se mais com o plano. Sua participação seria delicada e de muita responsabilidade.

— Vamos ao ensaio geral?

Gino concentrou-se:

— Já bolei todas as perguntas que tem a fazer. Ao ensaio geral!

O GRANDE PLANO EM AÇÃO

Quando Ângela entrou no Beco do Sebastião, à tarde, o restaurante estava vazio. Levava uma pasta preta, espécie de 007, com as perguntas. Antes, de um orelhão, Leo telefonara. Resposta positiva: Luana fora trabalhar.

Toda descontraída, nas atitudes e expressões do rosto, Ângela, insuspeita, dirigiu-se à caixa do estabelecimento. Pela descrição feita por Leo, reconheceu o proprietário, Sebastião.

— Sou pesquisadora — foi dizendo.

— Tão garota assim?

— É que na empresa estão usando estudantes. É o jeito da gente ganhar algum dinheirinho extra.

— O que você pesquisa? — perguntou Sebastião, cordial.

— Estamos entrevistando mulheres que trabalham em lojas, bazares e restaurantes sobre programas de rádio e televisão. Mas só entre os vinte e trinta anos. É a faixa etária que nos interessa. Quantas moças trabalham aqui?

— Apenas três. São ajudantes de cozinha e copeiras.

— Posso falar com elas? Não vou tomar muito tempo.

— Passe por essa porta e entre lá no fundo.

Ângela encontrou a primeira moça na cozinha, picando beterraba. Chamava-se Roseli. Quando a falsa pesquisadora aproximou-se, dizendo que pedira licença ao dono do estabelecimento, reagiu assim:

— Não quero comprar nada, moça.

— Não sou vendedora. Quero fazer algumas perguntas. Você ouve rádio e assiste televisão?

— Quando tenho tempo.

Ângela abriu a pasta e retirou um papel:

— Antes quero saber seu nome, idade e endereço.

Essas formalidades foram imaginadas por Gino para dar mais credibilidade ao plano. Ângela fez as anotações de pé mesmo. Percebeu imediatamente que Roseli não lhe causaria problemas. Quando a entrevista chegava ao término, entrou na cozinha outra copeira.

— Seu nome, por favor? — perguntou Ângela.

— Dina.

— Depois, faltará apenas uma entrevista. Como se chama a terceira copeira?

— Luana — disse Roseli. — Está descansando num dos quartinhos.

— Será que me atenderá?

— Atende, sim — garantiu Roseli. — Eu levo você.

●

Embora a primeira parte do plano não oferecesse aparentemente perigo, Leo estava inquieto. Ter idéias é uma coisa, realizá-las é outra, muito diferente. Um simples erro, esquecimento ou acaso põe tudo a perder. É difícil determinar os acontecimentos cada um em seu lugar e tempo. Por exemplo: Leo precisava dar um telefonema para o Beco e mandar chamar Luana. Mas não sabia exatamente o momento de fazê-lo. Ele e Ângela haviam feito um cálculo: quinze minutos. O orelhão, porém, poderia estar ocupado. E quem garantia que, feita a ligação, chamassem Luana. Certos patrões não permitem empregados atendendo a telefonemas. E quanto à condução das

entrevistas? Às vezes um entrevistado, monossilábico, de cara feia, reduz o trabalho de um pesquisador a dois ou três minutos. Há, inclusive, os que se recusam a responder qualquer coisa, enquanto um tagarela pode espichar demasiadamente o papo e estragar o lance.

Com todos esses maus pensamentos na cabeça, Leo aproximou-se do orelhão da esquina. Azar! Uma pessoa telefonava e outras duas esperavam a vez.

A ENTREVISTA PERIGOSA

Roseli bateu à porta. Uma vez. Duas vezes.

— Deve estar dormindo.

— Será?

— Você não pode voltar outro dia?

Ângela viu o plano desabar.

— Não posso — disse. — Preciso completar hoje o número de entrevistas.

Roseli insistiu. Afinal Luana abriu a porta.

— Por que me acordou? Não lembra até a que horas trabalhei ontem?

— Esta moça está fazendo uma pesquisa. Já falou com o chefe.

— Que pesquisa? — perguntou Luana, irritada e sonolenta.

— Sobre rádio e televisão — informou Ângela. — Coisa rápida.

Luana, sem desmanchar sua fisionomia contrafeita, fez sinal para Ângela entrar.

O quarto era do mesmo tamanho daquele descrito por Leo: pequeno e sem janela, pouco mais que um cubículo.

Havia um sofá-cama, uma cadeira e um guarda-roupa estreito. No chão, uma pilha de latas de óleo e conservas.

Ângela olhou seu relógio de pulso, verificou os minutos já gastos e sentou-se à cadeira, abrindo a pasta. Precipitara-se um pouco nas entrevistas anteriores. Precisava espichar aquela, tarefa árdua diante de alguém que teria pressa de livrar-se dela.

As formalidades: nome, idade e endereço.

— Você ouve mais rádio ou vê mais televisão?

— Ouço mais rádio.

Ângela anotou com uma esferográfica.

— Por quê?

— Não tenho tempo para televisão.

— Qual é a emissora que sintoniza mais?

— Não sei.

— Como não sabe?

— Ligo o rádio e procuro música. Não me preocupo qual é a estação.

— Tem programas preferidos?

— Não.

— Mas certamente guarda nomes de apresentadores.

— Também não.

De fato, Luana queria encurtar.

— Qual é seu gênero favorito de programa?

— Musical.

Ângela anotou com a mão mole. Precisava segurar o tempo.

— Está calor, não?

— Está.

Voltando ao assunto:

— Em matéria de música, o que prefere?

— Nordestina.

Ângela trocou uma pausa por um sorriso. Disse que também apreciava muito música de lá de cima: frevo, baião, xote, xaxado. Olhou para o pulso. Anotou.

— A que cantor ou compositor nordestino daria nota 10?

Era para fazer pensar, deixar o ponteiro correr.

— Nem sempre os mais famosos são os melhores — disse ela. Sua frase mais longa.

Devia estar expressando um ressentimento de João Valentão. Bom artista mas não valorizado.

— Cite alguns entre esses, menos badalados.

Evidentemente uma pergunta que não constava da pesquisa. Mas havia uma tênue esperança de que daquele mato saísse um coelho.

— Não lembro nenhum.

A entrevista, diante da secura de Luana, ia ficando difícil. Implorava: Leo, telefone, por favor.

— Tem televisor a cores?

Um riso de Luana para ridicularizar a pergunta.

— Com o que ganho aqui?

— Freqüenta cinema?

Só nas férias.

Outra pergunta de improviso:

— Já foi ao teatro?

Resposta a jato:

— Não.

Todas as perguntas haviam sido formuladas. Luana olhava para o papel que a entrevistadora segurava para certificar-se de que a tortura chegara ao fim. Ângela precisava inventar novos itens. Gostaria de ir à Lua? Dorme do lado direito ou do esquerdo? Assusta-se quando vê um gato preto?

— Toca algum instrumento?

Luana apenas sacudiu a cabeça, gesto mais rápido do que o som. Moveu as pernas como se fosse levantar-se do sofá.

— Um momento — pediu Ângela. — Talvez tenha outra pergunta.

— Tenho mais o que fazer.

— Eles sempre querem um relatório muito completo. Meus chefes são exigentes.

A copeira fixou os olhos na pasta de Ângela como se à procura de algum timbre, logotipo ou identificação. A moça entendeu o sentido perigoso daquele olhar. Jogou o papel em cima, ficou nervosa por dentro e por fora. Teve sede, daquelas que a água não mata.

— Para que firma você trabalha? — perguntou Luana com uma curiosidade estranha.

Justamente a pergunta que Ângela temia.

Leo, telefone, pelo amor de Deus!

Haviam pensado em tudo menos num nome de uma firma de mentira.

— Para onde trabalho? — uma pergunta para dar tempo de inventar.

— A empresa tem nome, não?

— Claro!

— Qual é?

A porta se abriu. A cara de um garçom.

— Luana, telefone para você.

A copeira ergueu-se e ficou um momento à espera de que Ângela se retirasse. Mas, depois daquele refresco, o chamado, ela voltou a ganhar coragem.

— Eu espero, tenho que anotar algumas coisas.

A moça mordeu a ponta da esferográfica, feliz. O telefonema devia ser de Leo, como fora combinado. Agora, quanto ao nome da firma, na ausência de Luana, dava para inventar um. Agência de Pesquisas Rex. O endereço? Avenida Rio Branco, qualquer número, qualquer andar. Por que não tinha impressos? Porque... estava estagiando, não registrada. Que perguntasse o que quisesse. O importante, o lance psicológico, era a cara de Luana depois do chamado.

Luana voltou nervosa, com muita pressa. Abriu logo o guarda-roupa.

— Preciso sair — disse.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Ângela, espremendo-a.

— Um parente meu ficou doente.

Ângela encaminhou-se para a porta.

— Espero que não seja nada. Você perguntou para que empresa trabalho. É a Rex. Lá na Ipiranga. Obrigada pelas respostas. Você ajudou bastante. Até outra vez.

Voltando ao restaurante, Ângela, tendo cumprido sua tarefa, passou pelo proprietário e sorriu.

— Fez as entrevistas? — ele perguntou.

— Tudo bem. As moças são uns amores. Obrigada, senhor.

A SEGUNDA PARTE DO PLANO

Assim que a última pessoa, uma gorda que carregava uma trouxa de roupa, acabou de telefonar, Leo depositou a ficha no orelhão, discou e falsificando uma voz aflita mandou chamar Luana.

Esperou um minuto justo.

— Luana?

— Sim.

— Um amigo seu me pediu para lhe dar um recado.

— Quem é o senhor?

— Saber meu nome não vai adiantar nada. Recado do sanfoneiro.

— Que sanfoneiro?

— Você vai lembrar. O caso é o seguinte. Está ouvindo? Aqui tem um barulho infernal.

— Estou.

— Ele acha que alguém deu o serviço. E quer que você vá até lá. Não de táxi. Apanhe ônibus. Ouviu?

— Mas de quem o senhor está falando?

— Escute aqui, moça. O da sanfona me pediu para lhe dar o recado. Eu já dei. Meu compromisso acaba aqui. Se

não quiser encontrar com ele, não vá. Meu plá está dado. Tchau.

E desligou.

Estava certo de que trabalhara bem, engrossando a voz e falando gíria. Algum jovem marginal a quem João Valentão confiara uma missão importante, impossibilitado, por alguma razão, de telefonar.

Viu da esquina quando Ângela saiu do restaurante. Fez-lhe sinal.

— Saiu tudo bem?

— Passei no teste de entrevistadora — disse a moça. — Tive de inventar perguntas. Por que custou tanto a telefonar?

— Havia uma fila no orelhão. Mas me conte: como ela recebeu o telefonema?

— Quando voltou para seu quarto estava uma pilha de nervos.

— Acha que ela foi na minha cascata?

— Sem dúvida, Leo. Mal chegou e já foi abrindo o guarda-roupa. Ia tirar o avental e pôr um vestido. Vamos nos afastar daqui.

— Mas nada de precipitação. Ela apanhará um ônibus e veja o tamanho das filas. Teremos tempo de segui-la até seu ponto.

— Entraremos no mesmo ônibus?

— Esqueceu o plano, Ângela? Pegaremos um táxi, desses caindo aos pedaços, que o motorista paga para o passageiro não ter pressa.

A espera foi curtíssima. Uma moça em *jeans* saiu a passos rápidos e curtos do Beco do Sebastião: Luana. Dirigiu-se para o meio da quadra, ponto de parada de muitas linhas de ônibus que se destinavam aos bairros periféricos.

Ângela, que não conhecia o Brás, estava tonta com o movimento de transeuntes e veículos. Dezenas de mulheres seguiam na mesma direção da copeira.

— Perdi-a de vista!

Leo apertou-lhe o braço, tranqüilizando-a:

— Está naquela fila.

— Tem certeza de que é Luana?

— Tenho. Mas não vamos nos aproximar muito.

Quando o ônibus dela parar no ponto, guarde o número. Esses calhambeques todos se parecem.

— E quando apanharemos o táxi?

— Assim que o ônibus chegar.

Ângela, mais nervosa do que durante as entrevistas, perguntou:

— E se não aparecer um táxi?

— Seja mais otimista! — pediu Leo. — Olhe pra rua. Com o preço da gasolina o que não falta são táxis circulando sem passageiros.

Esperar pelo ônibus de Luana, impaciente na fila, e em seguida chamar um táxi, foram momentos de tensão para Ângela e disfarçadamente para Leo também. Outra vez sentiram, na pele, a diferença entre planejar e realizar. Algumas possibilidades atormentavam a ambos: e se furar um dos pneus do táxi? E se um sinal vermelho o distanciar excessivamente do ônibus? E se...

— Siga aquele ônibus — ordenou Leo ao motorista. — Está viajando nele uma parente nossa.

O motorista, um homem idoso, estranhou. Seria um desses casos de delinqüência juvenil?

— É nossa tia Magnólia — detalhou Ângela. — Não podemos perdê-la nesse tumulto.

O motorista teve uma idéia boa:

— Querem que eu alcance o ônibus? Vocês fazem sinal e ela passa para o táxi.

Ângela rejeitou a sugestão.

— Tia Magnólia é muito econômica. Vai querer que nós, sim, passemos para o ônibus. O senhor entendeu?

— E eu não quero perder meus passageiros — comentou ele.

— Tia Magnólia, a gente costuma chamar de Mag, é uma unha-de-fome — reforçou Leo. — É do tempo do mil-réis. Gastar dinheiro para ela é pecado. Se souber que apanhamos um táxi, faz escândalo.

— Bons tempos os do mil-réis! A vida era fácil! E que ar a gente respirava! — exclamava o motorista, nostálgico. — Um ar leve, gostoso. Perguntem à tia Magnólia. Ela vai contar. O ar, o leite, a carne! Tudo de primeira, com o gosto

da natureza! Até que inventaram a tal poluição! A maldita poluição!

— Cuidado! — advertiu Leo. — Não perca o ônibus.

— Estou colado nele.

— Não, o ônibus é o outro! — disse Ângela, aflita.

— Ah, sim, o outro... O de tia Magnólia é o verde. Tinha esquecido.

Muitos quilômetros além, quando o táxi seguia o ônibus por uma marginal, o motorista exclamou:

— Mora longe essa tia Magnólia!

— Perto do céu — disse Leo, olhando para o taxímetro que consumia todas as gorjetas de um dia de trabalho no Emperor Park Hotel.

Numa das próximas paradas, Luana desceu do ônibus.

— Lá vai ela! — avisou Ângela. — Pague o táxi depressa!

Leo tirou dinheiro do bolso.

— Aquela é sua tia Magnólia? — perguntou o motorista, pondo a cabeça fora do carro. — Nunca vi uma mulher tão bem conservada. Ela faz algum tratamento especial para não envelhecer?

— Carne de cobra — respondeu Leo. — Dizem que faz muito bem para tudo. Come há trinta anos.

— Vivendo e aprendendo! — espantou-se o motorista. — Quem sabe um dia ainda experimente. Cobra. Até a vista!

Leo e Ângela seguiram Luana à distância porque ela lançava olhares alertas a todos os lados. Acompanharam-na através de uma rua comprida, com raras casas, sem calçamento. Por ela transitavam apenas caminhões e utilitários. Numa esquina, Luana parou como se também desconhecesse a região. Hesitava quanto ao caminho ou queria certificar-se de que ninguém a seguia. Atravessou um descampado.

— Veja onde ela está entrando — apontou Leo com o dedo.

— Um circo!

Destacando-se no casario pobre do bairro os dois viram uma grande lona amarela.

— Irmãos Vidal — leu o rapaz à distância. — "Hoje tem vesperal para crianças".

No mesmo instante um ônibus escolar parou diante do circo e despejou algumas dezenas de crianças uniformizadas. Foram entrando enquanto outras, sem uniforme, do bairro mesmo, enfileiravam-se num guichê.

Leo e Ângela aproximaram-se mais. Havia à entrada uma tabuleta escrita a giz com os nomes dos artistas do elenco.

MARIANO, O PALHAÇO QUE FAZ CHORAR DE TANTO RIR
DIEGO VALDEZ, O MÁGICO QUE FAZ DESAPARECER TUDO
O CASAL ADRIANI, OS REIS DO TRAPÉZIO
MALONE, O HOMEM-ARANHA, DIRETAMENTE DE LOS ANGELES
KONG KING, O HOMEM MAIS FORTE DO MUNDO

— Não vejo o nome de João Valentão — observou Ângela.

— Ném de nenhum sanfoneiro.

— Se ela quisesse ludibriar alguém, não haveria melhor truque do que entrar no circo e sair pelos fundos.

— Mas você a viu comprar ingresso? Para entrar e depois sair, antes precisaria passar pela bilheteria, não? — considerou Leo.

Ângela, atrevida, chegou bem perto da entrada do circo e depois foi juntar-se a Leo.

— Há uma abertura na lona ao lado da bilheteria — esclareceu. — Luana pode ter passado por ela e contornado o circo por fora.

— Isso, se ela nos viu — disse Leo.

— Não, pode ter sido mera medida de precaução. Como quem entra pela entrada de uma galeria, no centro da cidade, e sai por outra.

O desânimo bateu em Leo.

— E como vamos saber se ela entrou ou não no circo e se João está ou não aí dentro?

Ângela já tinha a resposta pronta:

— Entrando no circo. Eu pago os ingressos.

Leo a reteve pelos braços:

— Ângela, é loucura!

— Loucura foi o que o senhor fez no Beco do Sebastião, indo fuçar na sanfona. Entrou na toca da onça. Aqui, não. Um circo é todo aberto. E estaremos protegidos por duzentas crianças.

— Espera encontrar o que lá dentro? João Valentão daria *show* com mil policiais atrás dele?

— Vamos pagar para ver, Leo. E pagar bem pouco, por sinal. O ingresso é baratíssimo. Vamos?

— Ainda estou pensando, Ângela.

— Eu já parei de pensar, estou mais adiantada que você. Se está com medo, segure minha mão.

A existência do circo punha um ponto final no plano. Nada igual tinha sido cogitado no ensaio geral. Era um enigma de lona. Leo não possuía o dom da adivinhação. Recuaria ou avançaria? A mão firme de Ângela, puxando-o, e decidindo por ele — que louca! — conduziu-o à bilheteria.

— Dois ingressos.

Mais um ônibus escolar parara à entrada. Leo e Ângela misturaram-se com a criançada. Entraram, e entre meninos e meninas, barulhentos e ansiosos, sentaram-se nos compridos e toscos bancos de madeira do circo. O espetáculo já começara; seu grupo era de retardatários. No picadeiro, o palhaço Mariano concluía seu número. Pisava a arena Diego Valdez, o mágico.

— Ele parece bom — comentou Ângela.

— Não sei como pode prestar atenção! — admirou-se Leo. — Eu estou tentando encontrar Luana.

— Já dei uma boa olhada: garanto que não está entre o público. Acho que nos deu um drible.

— Será que perdemos todo nosso trabalho?

Aclamado pela criançada, e pelas professoras que as trouxeram, Diego Valdez deixou o picadeiro. Deixou não, sumiu. Seu próprio desaparecimento foi o clímax e final do número.

Um anunciador, com uma careca postiça, ganhou o centro da arena:

— Meninas, meninos e professores! Com vocês, o casal Adriani, os reis do trapézio.

A platéia toda olhou para o alto onde os Adriani passaram a voar no espaço com suas roupas brilhantes e seus sorrisos. Leo era o único que mantinha a atenção no público, ainda na esperança de ver Luana. Quem sabe o circo fosse um local para recados entre João Valentão e seus amigos?

O falso careca retornou ao picadeiro:

— E agora, com vocês, diretamente de Los Angeles, Califórnia, Malone — o homem-aranha!

Ângela continuava interessada no espetáculo e ficou tensa quando viu o senhor Malone, que vestia um macacão rajado e usava máscara, subir até o ponto mais elevado do circo apenas com o auxílio de alguns metros de corda.

— Não acredito que tenha vindo da Califórnia para cá — disse Ângela —, mas ele é ótimo, não acha?

Leo não achava nada. Afinal fizeram todo aquele sacrifício para assistir a um espetáculo num circo mambembe? Gino ia rir deles.

— Preparem-se — advertiu o anunciador. — Vocês vão presenciar algo inesquecível! O homem mais forte do mundo! Kong King!

Kong King, com o corpo todo revestido de pêlos artificiais, misto de homem e macaco, talvez descendente do famoso King Kong, tinha uma enorme aptidão para entortar e desentortar barras de ferro. Aliás, era só o que sabia fazer.

— Aqui termina a sessão — disse Leo, aborrecido. — O que você quer mais? Pedir autógrafos aos artistas?

Mas Leo estava enganado. Não era o último número. O final programado era mais alegre e apoteótico, com a participação mais direta do público mirim.

O careca anunciou:

— Tio Valentim, o maior sanfoneiro do país!

Leo sentiu que a mão de Ângela apertava a sua. A criançada repetia o nome de Tio Valentim, fazendo recepção a um artista já conhecido e estimado.

— Tio Valentim! Tio Valentim!

E sob os aplausos de todo aquele público entusiasmado, com seu gibão e chapéu de couro, um sorriso largo e iluminado, o sanfoneiro entrou no picadeiro.

Agora foi Leo que apertou a mão de Ângela.

— É ele!

— João Valentão?

— João Valentão!

O sanfoneiro, cantando e tocando, começou um *pot-pourri* de músicas nordestinas. As crianças batiam palmas,

marcando o compasso, e faziam coro. Era, sem dúvida, a parte que mais apreciavam do espetáculo. Tio Valentim devia ser um artista da casa, habitual das vesperais. De dia, Tio Valentim, à noite João Valentão.

— Luana já deve ter falado com ele — disse Leo. — E com certeza sabe que o recado não passou de um truque para localizá-lo.

— Mas por que não fugiu?

— Certamente porque o seu é o último número do espetáculo e porque tem compromisso com o dono do circo e com o público.

— O que devemos fazer agora, Leo?

— Sair, procurar um telefone e chamar a polícia. Vamos.

Leo e Ângela levantaram-se do banco, o que não chamou a atenção de ninguém porque a garotada também saía de seus lugares, aproximando-se mais do picadeiro. Tio Valentim cantava e tocava com uma alegria insuspeita. Apesar do risco de ser preso, comportava-se com toda descontração. Uma menina invadiu a arena. Tio Valentim abaixou-se para que ela o beijasse no rosto. Outras meninas logo a imitaram.

Quando todo o público já passara ao picadeiro para tocar com as mãos o seu ídolo, beijá-lo e ser beijado por ele, Leo e Ângela abandonaram o circo às pressas.

— Onde encontraremos um telefone? — afligiu-se Leo.

— Não há nenhum bar ou casa comercial por perto.

A duzentos metros do circo havia um orelhão. Leo e Ângela correram para ele. Um jornaleiro, em sua banca, preveniu:

— O aparelho está danificado, mocinho.

— Onde posso encontrar outro?

— Há um no fim da rua, mas também não funciona. Embora o povo daqui precise muito de telefone, há quem os destrua. Verdadeira maldição!

O espetáculo terminava, Tio Valentim ou João Valentão logo escaparia.

— Onde podemos telefonar? — perguntou Ângela.

— Vão ter que andar muitos quarteirões para encontrar um bar — disse o jornaleiro.

Restava uma possibilidade:

— Tio Valentim! Tio Valentim! — E sob os aplausos de todo aquele público entusiasmado, o sanfoneiro entrou no picadeiro.

— Passam táxis aqui?

— Às vezes — respondeu o jornaleiro. — Por que não apanham um ônibus? O ponto é lá.

O desconsolo de ambos foi total. De onde estavam, viam as crianças retirarem-se do circo. As uniformizadas entravam nos veículos escolares.

— Fizemos tudo direitinho — disse Leo. — Mas não dará certo.

HÁ SEMPRE UM CHINÊS NUMA HISTÓRIA MUITO MISTERIOSA

Ao anoitecer, duas RPs chegaram ao circo dos Irmãos Vidal para prender João Valentão. Não estava mais lá. Um dos irmãos informou que o sanfoneiro participava há muito tempo das vesperais infantis, aliás com bastante agrado. Recentemente pedira para morar no circo durante um pequeno período. A polícia procurava-o por motivos injustos. Naquele fim de mundo os Vidal nem sabiam que o caçavam por crime de morte.

— Lamento que tenha feito o que fez — disse Vidal. — Sanfoneiros como ele não se encontram às dúzias por aí. E as crianças o adoravam.

Na mesma noite a polícia bateu no Beco do Sebastião para interrogar Luana. Ela acabara de telefonar ao proprietário informando que não voltaria mais ao trabalho. Dois investigadores foram até onde morava. Já mudara, levando suas roupas. Evidentemente não deixara o novo endereço.

Leo e Ângela, reunidos com Gino em sua casa, comentavam as aventuras e azares da véspera.

— Vendo Tio Valentim cantar e tocar para a criançada quem diria que é um assassino? — disse Ângela.

— É uma figura contraditória — confirmou Leo. —

Quase me matou no restaurante, suspeitando que eu queria lhe surrupiar a sanfona, e ele mata para roubar a mesma sanfona. Faz sentido?

— Acho que entendo mais de jogo de xadrez do que do jogo da vida — disse Gino. — Por isso, tomemos uma resolução. Vamos esquecer o caso. Já fomos longe demais.

— Tem razão, primo. Também desisto.

Ângela concordava com ambos.

— O crime da sanfona não tem mais mistério. Agora tudo se resume em capturar o assassino. E isso a polícia fará mais cedo ou mais tarde.

Gino respirou fundo:

— Sinto-me até aliviado com a resolução. Preciso concentrar-me em traduzir um livro. Um trabalho árduo.

— Os dois mosqueteiros e a mosqueteira seguirão cada um o seu caminho — disse Leo. — Ângela está se preparando para os exames. E eu quero tentar uma promoção no hotel. Estou cansado de ser mensageiro.

Zula chegou da rua com alguns pacotes.

— Meu Deus! — exclamou. — Como tudo está tão caro! Gastei um dinheirão e não comprei nada.

— E nosso hóspede, o Muriçoca, está fazendo superalimentação. O medo multiplicou o apetite dele.

— Continua apavorado?

— Agora tem receio da própria sombra.

— Acho Muriçoca um tanto exagerado — declarou Leo.

Tia Zula deu uns passos na direção da cozinha. Parou na porta com uma lembrança.

— Sabem quem acabo de ver na Major Diogo, entrando num táxi?

— Quem, mãe?

— Elvira, a mulher de Boa-vida. Eu a tinha visto na delegacia. Como estava bem vestida!

— Sozinha?

Zula fez uma pausa como quem faz uma sutil ligação entre fatos diversos.

— Com um chinês.

Leo e Ângela olharam para Zula e depois para o filho, que se mexeu na cadeira de rodas.

— A senhora disse... chinês?

— Disse: chinês. Mas agora estou lembrando...

— Boa-vida foi assassinado com uma arma chinesa — completou Gino. — O detalhe que queríamos esquecer para não fundir a cuca. Elvira passeando com um chinês! Que conclusões se podem tirar daí?

— Você não tinha sugerido que esquecêssemos o crime? — indagou Leo.

— Mas agora temos um fato novo: um chinês.

Ângela tomou a palavra feliz com a nova onda de mistério.

— Elvira e esse oriental são amigos. Ele matou Boa-vida a pedido dela.

— Por que Elvira encarregaria o chinês de matar seu marido se já estavam separados? Qual o motivo, Ângela? — quis saber Leo.

Ângela começou:

— O motivo deve ter sido... — Mas não terminou. — Sei lá qual foi!

Os olhares fixaram Gino, que fitava o tabuleiro de xadrez, como se à procura ou à espera de inspiração. Fez-se um silêncio respeitável e cheio de expectativa. Por fim, o enxadrista sorriu e ordenou à sua mãe:

— Não assuma compromissos para amanhã à tarde, dona Zula. Vamos comprar uma gaiola. Talvez sirva para prendermos nela o verdadeiro assassino de Alexandre de Souza.

COMPRANDO UMA GAIOLA

A senhora de cabelos brancos estava sentada no interior da loja de pássaros, olhando abstraída para a rua. Chamava-se

Dinorá e era a única empregada do estabelecimento. Lamentava o mau dia para as vendas quando viu entrar um rapaz paralítico, em sua cadeira de rodas, empurrada por uma mulher baixota e vermelhuda.

— Bom dia! — cumprimentou o jovem, expansivo e alegre. — Foi difícil mas acabamos encontrando sua loja.

— Ela é um pouco escondidinha — disse Dinorá —, mas quem gosta de pássaros acaba encontrando.

— Vejo que tem um belo sortimento de canários. Vou ficar freguês mas hoje comprarei apenas uma gaiola.

— Escolha à vontade. Veja aquela em forma de igreja. É o modelo predileto dos decoradores.

Gino indicou a gaiola para sua mãe. Queria que ela falasse também para que tudo parecesse natural.

— Uma beleza! — exclamou Zula, estreando na arte de representar.

— Aquela que parece um estádio também me agrada — observou Gino.

— É uma graça! — concordou a caixeira.

— Cara?

— Hoje em dia nada mais é barato.

Gino sorriu, deu um tempo para ganhar intimidade, e começou a fazer seu jogo.

— Para mim faça um preço especial. Vim indicado por um amigo da casa. A senhora é dona Elvira, não?

A senhora de cabelos brancos balançou a cabeça:

— Elvira é a proprietária. Ela não está. Meu nome é Dinorá.

— Mas quem sabe a senhora o conheça — disse Zula.

Gino e Zula sabiam da ausência de Elvira, graças a um telefonema. Tudo encenado.

— Qual é o freguês?

— É um nome complicado — falou o rapaz. — Um senhor chinês.

— Chinês?

— Sim — confirmou Gino. — Conhece?

Nenhum mistério no sorriso de Dinorá.

— Deve se referir ao senhor Slang.

Gino e a mãe trocaram olhares, ela como uma atriz que

tivesse esquecido o papel e que pedisse socorro ao ator mais próximo no palco.

— Slang... — repetiu Gino, como se o nome ecoasse em sua memória. — Como é mesmo o nome todo dele?

— Não sei — lamentou Dinorá.

— Seu Slang mora no bairro?

— Ignoro onde mora. Raramente vem aqui.

— Parece que seu Slang também negocia com pássaros — arriscou Gino.

— Se ele é do ramo, não posso dizer.

Gino considerou que já havia feito perguntas demais. O principal já fora confirmado: que Elvira conhecia realmente um chinês. Sua mãe não se enganara. Para completar a encenação perguntou o preço de uma das gaiolas e comprou-a. Quem seria esse tal senhor Slang?

— Vamos — disse Zula com pressa de sair da cena. — Prazer em conhecê-la, dona Dinorá.

— Obrigado pelo desconto — agradeceu Gino.

Quando saíam da loja, Zula levou um susto e curvou-se sobre a cadeira que empurrava: Elvira entrando.

Dinorá dirigiu-se à patroa com um sorriso:

— Esse moço é amigo do seu Slang.

A referência ao nome não agradou à dona d'O Passaredo.

— Nunca mais o vi — disse ela. — E talvez para não ser atraída a uma conversa indesejável foi para os fundos da loja.

Na rua, Zula assoprou sua tensão, e comentou depois:

— Que mentirosa! Ainda ontem a vi com o chinês!

Somando informações, enquanto a mãe empurrava a cadeira pela calçada, Gino pensava em voz alta:

— Alexandre foi morto por uma arma chinesa. A mulher de Alexandre é amiga de um chinês. Diz que nunca mais o viu quando ontem esteve com ele.

— Está concluindo que os dois mataram Alexandre?

— Estou.

— Mas o motivo ainda não descobriu.

— Motivos não faltam. Tenho um bom. Quem sabe Alexandre estivesse fazendo algum tipo de chantagem com eles.

Zula reagiu, grande amiga que fora de Alexandre.

— Eu conheci muito bem o Boa-vida. Chantagem? Seria incapaz.

— A gente jamais conhece os outros profundamente — filosofou Gino. — Ele vivia sonhando com viagens para o exterior. Colecionava aqueles folhetos. Não seria com pequenos serviços que daria volta ao mundo. Deve ter tentado uma grande jogada. Chantagem, sim. Estou ficando quente.

Zula ouviu tudo e não concordou com nada.

— Procure outra razão, meu filho.

À PROCURA DO SENHOR SLANG

Leo concordava com a tia: Boa-vida não tinha pinta de chantagista.

— Você não viu a cara que Elvira fez quando a caixeira falou no tal Slang. Muito comprometedora. Para mim, os dois são íntimos.

— Gino, você está se desviando da linha principal de raciocínio. Esqueceu que a sanfona de Boa-vida está com João Valentão. Quer prova maior de que foi ele quem cometeu o crime? E quanto aos telefonemas? — argumentava Leo. — Nada mais evidente.

Muriçoca, o inquilino, vinha pelo corredor.

— Vai sair? — perguntou-lhe Gino.

— Procurar emprego. Continuo tentando.

— Quero lhe fazer uma pergunta. Sobre o telefonema. Lembra bem da voz da pessoa?

— Ela usava alguma coisa no bocal. Talvez um lenço.

— Mesmo assim não daria para notar se era um estrangeiro?

Resposta imediata:

— Não era — garantiu Muriçoca.

— Viu, Gino? — disse Leo. — Não adianta forçar teorias.

— Pode ser que o tal Slang fale português fluentemente, sem nenhum sotaque.

— Isso tiraria toda a graça do seu personagem — rebateu Leo. — Agora vou para o Park. Haverá lá uma convenção internacional. Essas coisas dão um enorme trabalho para os mensageiros. Andamos quilômetros.

— Você vai trabalhar e eu telefonar — disse Gino.

— Para quem?

— Para o doutor Arruda. Vou lhe passar minhas informações sobre nosso Fu-Manchu. A polícia que faça o que quiser com elas. Ao trabalho, primo. E você, Muriçoca, espero que tenha mais sorte desta vez.

●

Doutor Arruda ouviu tudo que Gino tinha a dizer sobre o chinês e respondeu que investigaria. Foi cauteloso. Não queria espantá-lo, inquirindo Elvira. Na verdade não demonstrou grande interesse. Um dos seus homens afirmava estar na pista de João Valentão ou — Tio Valentim — e toda sua preocupação concentrava-se aí.

Dias depois Gino tornou a telefonar.

— Novidades, doutor?

— Não descobrimos nenhum chinês chamado Slang.

— É uma pena. O homem existe e é amigo de Elvira. Uma empregada da loja, Dinorá, pode comprovar.

— Dona Elvira vai ser interrogada a respeito, já que não encontramos o chinês. Quanto ao João Valentão, está quase no gancho. Até a vista, Gino.

Assim que Gino desligou o telefone, recebeu uma visita: Ângela. Trouxera-lhe um disco de presente.

— É um compacto simples para você. Estava encalhado numa loja.

Gino passou os olhos no selo do disco:

— É de João Valentão!

— Disseram que foi sua única gravação e ficou nas prateleiras.

Gino colocou o disco e os sons de um xaxado dominaram a sala. O enxadrista não era um entendido do gênero musical, porém gostou da voz e do balanço. Virou o disco. O outro lado era um xote. Ambos composições de João.

— Não dei a Leo porque lhe traria más recordações — disse Ângela.

— Um valentão amado pelas crianças. Curioso, não?

— O amado pelas crianças é Tio Valentim.

Enquanto ouvia o baião, Gino falou de seus contatos com o delegado.

— A polícia não encontrou nenhum chinês chamado Slang. Mas vai interrogar Elvira. Não se admire, Ângela, se sair daí uma confissão. Os jornais talvez amanhã ou depois publicarão que a mulher de Boa-vida e Slang foram os verdadeiros assassinos. Anote o que digo.

Ângela, impressionada pela convicção de Gino, comentou:

— Seria uma virada sensacional no caso!

— Sensacional — garantiu Gino.

— Graças a você, senhor craninho!

— A mim, não, beleza! Graças ao acaso que fez a velha Zula ver Elvira na companhia de um chinês aqui, no Bexiga, em nossa cara.

Ângela confiava muito nas deduções de Gino, porém abriu brecha para uma dúvida:

— Isso que me encuca. Os dois matam uma pessoa e depois ficam passeando pelo bairro, à luz do dia. Não é muito coerente, Gino.

O enxadrista não se abalou:

— Coerência absoluta, Ângela, só nos livros, filmes e televisão. Na ficção. Na vida, ao contrário, nem tudo tem explicação lógica. Matam juntos e ficam passeando. Por que não? Aguarde a bomba de amanhã. Vai sacudir os alicerces da cidade.

Ângela, tão impressionada, levou as mãos aos ouvidos.

A BOMBA

Houve, sim, uma bomba, como Gino previra, e envolvendo os nomes de Elvira e do chinês.

Na manhã seguinte, quando foi trabalhar, embora chegando tarde, Dinorá encontrou a porta da loja encostada. O Passaredo abria às oito e ela, por tolerância da proprietária, podia chegar depois das nove. Aos primeiros passos, viu algumas gaiolas no chão. Uma delas parecia pisada. Ouviu um ruflar de asas. Canários soltos esvoaçavam pela loja. Um deles, aproveitando a porta que se abria, ganhou a rua. Um saco de alpiste, furado, estava no meio do caminho. Parando para olhar, percebeu que a desordem era maior do que lhe parecera a princípio. Suas pernas tremeram. Chamou por Elvira. Nenhuma resposta. Hesitou em dar os próximos passos com receio de que algum assaltante armado ainda estivesse lá. Chegando ao corredor que comunicava com o escritório deu um grito. Elvira estava caída de costas, ensangüentada. Correu em desespero para a rua, parando com as mãos contorcidas os transeuntes. Em seguida, desmaiou.

Momentos depois, chegavam a O Passaredo dois investigadores para interrogar Elvira sobre suas ligações com o chinês Slang. Um pouco tarde.

●

Leo trabalhava no Park Hotel quando recebeu um telefonema de Ângela. Ouvira a notícia pelo rádio. A arma, desta vez, não fora chinesa. Nenhuma sofisticação: peixeira. Bem à João Valentão.

— Gino já sabe?

— Não sei. Vou passar pela casa dele. Um beijo.

— O quê?

— Eu disse um beijo.

Um assassinato e um beijo de Ângela num único telefonema. Duas fortes doses de emoção para Leo.

Chegando ao corredor que comunicava com o escritório deu um grito. Elvira estava caída, ensangüentada.

Gino e Zula almoçavam na cozinha.

— Chame o Muriçoca, mãe. Deve estar com muita fome como sempre.

— Ele não está.

— Impossível. Ausente na hora do almoço!

— Quando levantei, Muriçoca já tinha saído.

— Madrugou?

— Quem sabe alguém lhe prometeu emprego.

Tocaram a campainha. Zula foi atender. Era Ângela. Pela primeira vez Gino e Zula a viam sem que estivesse com os cabelos perfeitamente penteados. E onde estava a cor bonita de seu rosto?

— Vamos almoçar? — convidou Gino.

— Ouviu o rádio? — perguntou a moça.

— Não.

Gino e Zula cravaram os olhos em Ângela.

— A bomba — disse ela. — Estourou.

— Elvira confessou?!

Gino e Zula estavam sentados. Ângela precisou sentar-se também.

— Foi assassinada hoje cedo.

Não houve pausa para o espanto.

— Quem a matou?

— A polícia ainda não sabe. Foi com uma peixeira. Você estava errado, Gino. João Valentão cumpriu a primeira ameaça.

Por orgulho ou convicção, Gino ainda apegava-se à sua teoria.

— Há o chinês. A polícia agora vai apanhá-lo.

●

O investigador Lima encontrou numa gaveta a agenda de Elvira. Na letra S, Slang Shie e o endereço.

— Vamos lá! — ordenou o delegado.

— É melhor levar mais um investigador — aconselhou Lima. — O homem deve ser perigoso.

PRAZER EM CONHECÊ-LO, SENHOR SLANG SHIE

Ninguém atendia à campainha.

A um olhar-comando do doutor Arruda, Lima deu um pontapé na fechadura. Depois, ombradas. A porta do apartamento cedeu.

O delegado e os dois investigadores entraram, revólveres em punho. As janelas cerradas, acenderam a luz. O chão estava coberto de garrafas: uísque, champanha e vinho.

— Que é isso? Um depósito de bebidas! exclamou Lima.

— Cheira a contrabando — disse o outro investigador.

Passaram ao cômodo ao lado, cautelosos. Nenhum móvel, apenas prateleiras com mercadorias atraentemente embaladas.

— Perfumes franceses, fumos ingleses, objetos de arte — foi observando o Lima. — Fora de questão. O negócio do china é contrabando.

— E parece um cara bem organizado — acrescentou o segundo investigador.

O doutor Arruda fixou o olhar num espaço entre uma estante e outra. Por essa não esperava! Apontou com o dedo.

— Vejam aquilo!

Lima retirou a peça da parede, sustentada por um prego.

— Uma arma bonita!

— Não é apenas bonita — disse o delegado. — Nunca viu outra igual?

O investigador vira, sim, claro!

— Usaram uma exatamente igual para matar Boa-vida.

— Temos o homem! — disse o delegado.

Nesse momento ouviram, de outro cômodo, o ruído de uma janela que se abre. Havia alguém no apartamento. Lima, sem esperar ordem, correu para ele, o dedo no gatilho. Operação relâmpago. Instantes depois, voltava empurrando um chinês de baixa estatura.

O delegado sorriu:

— Prazer em conhecê-lo, senhor Slang Shie.

— Ia escapando pela janela — esclareceu Lima.

O chinês não estava muito assustado. Gino diria que tinha a cara de um bom enxadrista ao perder uma partida de campeonato.

— Queriam que os recebesse de braços abertos com essa muamba toda?

Doutor Arruda e os investigadores ficaram surpresos.

— Como chinês o senhor fala ótimo português!

Slang Shie abriu um sorriso.

— Não sou chinês.

— Mas seu pai era.

— Outro engano. Meu nome é Laudelino da Silva. Sou do Espírito Santo. Como nasci com os olhos puxados, uso este bigodinho e assumi maneiras chinesas por razões profissionais. Os chineses têm fama no mercado do contrabando. Precisava aproveitar.

— Contrabando aqui é o que não falta, não? — disse o delegado, tirando do bolso um par de algemas.

— Mais uma vez está enganado — disse o ex-Slang Shie. — Tudo é falsificado. As bebidas e os perfumes são feitos na Casa Verde. Apenas a embalagem é original. Os objetos artísticos vieram da Moóca. Alguns que digo possuir quinhentos anos foram produzidos nesta semana. Na verdade, não contrabandeio nada. Dá muito trabalho.

Doutor Arruda acharia graça se não houvessem dois assassinatos na história.

— Conte agora por que matou Elvira de Souza.

Além de falso contrabandista Laudelino da Silva era também ator:

— Elvira assassinada? Quando isso?

— Hoje cedo em sua loja.

— Bem que ela me falou de uma ameaça pelo telefone.

Lima fez cara feia:

— É melhor contar tudo. E por bem.

Laudelino não se assustou com a careta do Lima nem com seu tom de voz. Mostrava-se acostumado a ter problemas com a polícia.

— Se desconfiam de mim, perdem tempo. Posso provar onde estive das oito horas até agora. Reunido com meus fornecedores. Eles não gostam muito da polícia, por razões

óbvias, mas para me salvar a pele testemunharão em meu favor. Somos unidos, embora não sindicalizados — pilheriou.

O delegado exibiu-lhe a (falsa) adaga chinesa.

— Conhece esta arma?

— É um brinde para meus fregueses. Dei um para Elvira presentear aquele vagabundo do marido dela. Li nos jornais que usaram o sabre para assassiná-lo. Por isso Elvira tinha o receio de que a acusassem do crime.

Doutor Arruda algemou-o.

— Vai ter que repetir essa historiada muitas vezes.

Laudelino lançou o derradeiro olhar ao seu depósito.

— Lamento não poder lhes oferecer uma bebida, senhores. Elas têm um péssimo gosto e como fazem mal ao fígado!

A SEGUNDA BOMBA

Gino reuniu em sua casa Leo e Ângela para comentar os últimos acontecimentos, que Zula tentava adoçar com seu café.

— Estive com o doutor Arruda — informou Gino. — Na loja apenas encontraram impressões digitais de Elvira e de sua empregada.

— E quanto ao álibi de Slang Shie? — quis saber Leo.

— Confirmado. Os fornecedores de Laudelino, que no seu meio tinha o apelido de Charlie Chan, um detetive chinês de livros e do cinema, forneceram um álibi indestrutível. Inclusive dormira na casa de um deles.

— Foi posto em liberdade?

— Não, Ângela, mas se conseguir um bom advogado, logo estará na rua, vendendo seus produtos falsificados. Que grande vigarista!

— Como explicou sua amizade com Elvira?

— Ela arranjava-lhe fregueses de bebidas, perfumes e

antigüidades em troca de comissões — disse Gino. A loja de pássaros era um ponto de vendas para Charlie Chan. Tudo apenas negócios. Nenhum interesse romântico como imaginávamos. Laudelino é casado, tem filhos e sua mulher também conhecia Elvira. Oferecera-lhe inclusive sua residência quando soube da ameaça.

Leo olhou os presentes com ar de vitória.

— Então o maior suspeito ainda é João Valentão?

Gino estendeu a mão para o tapa.

— Dou a mão à palmatória. O assassino é mesmo João Valentão. O resto foi fantasia de um simples amador que lê muitos livros policiais. Aliás, na ficção detetivesca moderna, mordomos e chineses não são mais os criminosos. E o sabre oriental não passava de um brindezinho de um falsificante de objetos artísticos.

Leo deu o tapa na palma de Gino.

QUAL SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA?

Gino e sua mãe, Leo e seus pais, e Ângela, compareceram ao enterro de Elvira. Muriçoca, com receio de que João Valentão surgisse entre os túmulos, não apareceu. Sandoval, magro, preocupado, foi o último a chegar. Interrompera a viagem para o adeus à Elvira.

Rafael aproximou-se, conselheiro:

— Viu o que aconteceu? Volte, Sandoval. O sanfoneiro não está brincando.

O primo de Boa-vida tinha informações:

— O doutor Arruda garantiu que enjaula a fera nesta semana. Localizaram uma moça que talvez saiba onde ele está.

— Cuidado! Antes disso ele pode matá-lo também.

— Mudei temporariamente para um hotel e onde trabalho não estou para ninguém.

No entanto, apesar dessas precauções, Sandoval, inquieto, saiu às pressas do cemitério assim que a cerimônia terminou.

Leo, vendo-o afastar-se, perguntou a Ângela:

— Qual será a próxima vítima? Sandoval ou Muriçoca?

ADEUS, MURIÇOCA!

Gino estava diante do tabuleiro, resolvendo um desses problemas de jogo de xadrez, propostos nas seções especializadas dos jornais, quando Muriçoca materializou-se diante dele. Mirrado, pálido, gaguejou:

— Vou embora, Gino.

— Aqui de casa?

— Embora de São Paulo — disse. — Volto para o Nordeste. O governo me dá a passagem.

— Por quê, Muri? Desistiu de arrumar emprego?

O verdadeiro motivo estava desenhado em seu rosto.

— Desde que mataram dona Elvira, não agüento mais. João vai me matar também. Já não tenho coragem nem de sair à rua e me canso de ficar no quartinho. Custo a dormir e se durmo é pior, tenho pesadelos.

— Quando pretende viajar?

— Prometeram a passagem para depois de amanhã.

— Só posso lhe desejar boa viagem — disse Gino. — Eu e a velha lhe daremos algum dinheiro.

Muriçoca saiu e Gino, sem solução para o problema enxadrístico, ligou o rádio.

Foi quando ouviu a notícia. A notícia que resolveria o enigma.

UMA SANFONA DESTRUÍDA PELOS FÃS

O assassinato de Elvira intensificou a caça policial ao sanfoneiro. Todos os circos, pavilhões, forrós e salões de bailecos da cidade e circunvizinhanças foram visitados. Não encontraram João Valentão, mas uma faxineira, prima de Luana, enquanto varria um desses estabelecimentos deixou escapar uma informação preciosa. Tivera contato recente com a prima e sabia em que região da periferia ela e João viviam.

O que foi um descuido, terminou numa súplica:

— Prendam ele, por favor, antes que também a mate. Ele já matou duas pessoas.

No dia seguinte, no fim da tarde, quando um homem alto e escuro dobrava uma esquina distante, levando uma sanfona velha, um policial de arma em punho saiu de um matagal, interpelando-o:

— Eh, flagelado! Onde conseguiu a concertina?

João Valentão, num arranco, fugiu para a esquerda, mas outro policial, também armado, lhe bloqueou a fuga. Então saíram do matagal muitos outros, um deles com metralhadora.

— Podem me levar — bradou João. — Mas não matei Boa-vida.

Um homem à paisana examinou a sanfona: o investigador Lima.

— Aqui estão as iniciais. Levem ele!

— Não roubei a sanfona! — protestava João, agarrado. — Ele me devia! A sanfona é minha!

Parecia mais ofendido pela acusação de roubo do que pela de crime. Foi jogado dentro de um carro policial. Quando a RP se afastou, ainda se ouviam seus protestos.

A notícia da prisão do sanfoneiro correu mais depressa que o veículo. Ao chegar à delegacia, um número enorme de populares o aguardava, curtindo com palavras e caretas um grande ódio. Assim que desceu do carro, algemado, uma vintena de pessoas, inclusive mulheres, avançou sobre ele para linchá-lo.

— Salvem-me! — implorou João aos policiais, apavorado.

A polícia teve de travar verdadeira batalha para evitar que o matassem, mas rasgaram-lhe a roupa e o feriram bastante. Foi conduzido à presença do delegado, sangrando. Sentou-se, resfolegando, suado. Parecia um touro abatido. Um repórter com sua máquina começou a fotografá-lo.

— Não matei Boa-vida — repetiu, em voz baixa, porque estava exausto. — Sou religioso, posso jurar.

— Como foi que roubou a sanfona? — inquiriu doutor Arruda.

— Foi na obra onde ele morava.

— Conte tudo.

— Ninguém vai acreditar.

— Vá contando.

— Aquele domingo fui à construção cobrar uma velha dívida. Estava precisando de dinheiro. Boa-vida tinha saído. Para não perder a viagem, peguei a sanfona. Quando me pagasse, devolveria. Dias depois soube do crime. O que devia fazer? Apresentar-me com a sanfona? Não sou louco. Decidi me esconder até que prendessem o assassino.

Lima antecipou-se ao delegado:

— Fale agora de Elvira.

— Que Elvira?

— A mulher de Boa-vida.

— Que quer que eu fale?

O delegado:

— Foi assassinada.

— E querem me culpar disso também? Há anos que não a vejo.

Luana, desgrenhada, com uma fonte de lágrimas em cada olho, entrou na delegacia espontaneamente no momento em que perguntavam a João Valentão a respeito dos telefonemas ameaçadores.

— Quem mandou telefonar para Elvira, Sandoval e Muriçoca?

João fez uma expressão convincente de quem não entendeu a pergunta.

— Quem mandei telefonar? E para quê?

— Para fazer ameaças.

— Ameaças? Mas se eu só pensava em voltar a tocar

com liberdade? O que lucrava complicando as coisas? — esbravejou o sanfoneiro.

Luana lançou-se nos braços de João Valentão, com o rosto molhado de lágrimas, como se lhe tivessem atirado um balde de água. Defendia seu namorado e injuriava Muriçoca, a quem atribuía o motivo de toda a perseguição policial. Fez acusações sérias:

— Sabem por que Muriçoca denunciou Boa-vida? Pois vou dizer. Foi ele quem matou Boa-vida. Foi ele.

Doutor Arruda, que sempre desconfiara de Muriçoca, parou para pensar.

Um policial fardado entrou em cena. Uma fotografia. Trazia o que restava da sanfona, despedaçada durante a tentativa de linchamento. João Valentão pegou-a, olhando-a com tristeza. Outra foto.

PARABÉNS, SENHOR MILIONÁRIO

A notícia radiofônica que atraíra a atenção de Gino era esta:

Ainda não foi identificada
uma das três pessoas que ganhou
200 milhões na Loteria Esportiva.
Se você não jogou fora seu cartão,
confira-o e boa sorte.

Gino ficou pensando quem seria que, tendo 200 milhões de cruzeiros a receber, não se apresentava à Caixa Econômica. Estaria internado num hospital? Viajando para o exterior? Ou... estaria morto?

Abriu a gaveta do móvel da sala. Retirou o folheto de publicidade turística, dentro do qual guardava o cartão do jogo feito por Alexandre. Quantos pontos teria feito naquele fim de semana?

Campainha.

Era Leo, agitado.

— Primo, pegaram o João Valentão! Que alívio!

— Confessou tudo?

— Não! Quase foi linchado pelo povo mas não confessou crime algum. Disse que na manhã do assassinato de Elvira estava tocando sanfona numa enfermaria.

— E quem prova isso? — perguntou Gino, descrente.

— Quarenta crianças excepcionais. Elas valem como álibi?

Gino abriu os braços, sem resposta.

— Então se faz de inocente?

— E sabe quem acusa? Muriçoca. Gino, ele ainda está hospedado aqui?

Gino fechou a gaveta do móvel.

— Empurre-me a cadeira — pediu a Leo.

— Onde quer ir, primo?

— Leve-me até a lotérica.

— Vai jogar?

Gino mostrou o cartão.

— Já joguei. Algo me diz que vou trocá-lo por 200 milhões de cruzeiros.

Leo riu e abriu a porta. Depois ficou sério. E sem dizer uma palavra, só pensando coisas, empurrou a cadeira de Gino a toda velocidade até o balcão da lotérica.

MANCHETES DO DIA SEGUINTE:

MORTO O HOMEM QUE GANHOU
200 MILHÕES NA LOTERIA ESPORTIVA.
ALEXANDRE DE SOUZA, O BOA-VIDA, FOI
ASSASSINADO NO DIA EM QUE SE TORNOU
MILIONÁRIO. NOME E ENDEREÇO ILEGÍVEIS
COMPLICARAM SUA IDENTIFICAÇÃO.
LOCALIZADO NO CEMITÉRIO GANHADOR
DA LOTECA. O SANFONEIRO JOÃO VALENTÃO,
O ASSASSINO, JÁ ESTÁ PRESO.
ESCLARECIDO O CRIME DA SANFONA.
SANFONEIRO MATA BOA-VIDA E
SUA MULHER ELVIRA.

O ENCONTRO NA PRAÇA

A praça naquela manhã estava quase deserta. Apenas um homem idoso dormia sentado num banco e um rapaz, numa cadeira de rodas, passeava pelas alamedas, movendo seu veículo com mãos experientes. Parecia tranqüilo mas sua agitação interior era grande. A pessoa com quem marcara encontro atrasava quinze minutos e talvez não aparecesse mais. Aliás,

pelo telefone, não dera certeza. E quando perguntou por que escolhera lugar tão distante da residência de ambos, Gino esclareceu:

— O assunto é muito particular. Não falei nem com minha mãe. Uma pessoa vai me levar de carro e passará para me apanhar uma hora depois.

— Quem?

— Um homem aqui do bairro que faz entregas com uma camioneta. Ele não sabe com quem vou encontrar.

Uma pausa e nova pergunta curta:

— Sobre o que quer falar?

— Os assassinatos de Alexandre e Elvira. Tenho novidades.

— Já falou com a polícia?

— Vai depender de você, caso não fechemos negócio.

— Negócio?

— Não posso adiantar nada pelo telefone. Amanhã às nove. Compareça.

Gino, já desanimado, rodava a cadeira para uma das extremidades da praça, passando pelo velho que dormia e por uma jovem ama que empurrava o carrinho de um bebê, quando ele apareceu. Vinha andando aereamente a ensaiar um encontro casual. E encenou tão bem, no palco daquela manhã de sol, que só viu o moço da cadeira de rodas por que foi chamado.

— Estou aqui! — bradou Gino. — Você atrasou muito.

— Tenho estado muito ocupado. Por que escolheu este lugar?

— Em minha casa haveria testemunhas e quanto à sua residência, esqueceu que não subo degraus?

— Que novidade tem sobre os crimes? João Valentão está preso.

— Vá empurrando a cadeira. Siga por aquela alameda.

Algumas crianças brincavam na grama. Um moço num espaço vazio treinava um cão boxer. Passaram pelo homem idoso no banco.

— Não está fazendo mistério demais?

— Vai ver que é necessário.

— Ninguém sabe mesmo que veio aqui?

— Eu não seria tolo. Não dizem que o segredo é a alma do negócio?

— Negócio? Pensei que era sobre os crimes.

Olhando para a frente, enquanto ele empurrava a cadeira, Gino procurava dominar os nervos. O boxer e seu treinador ultrapassaram-nos por um instante. Viu a ama com o bebê outra vez.

— Já sei de tudo — disse.

— Sabe de quê?

— De quem matou os dois. A história inteira.

— Mas não foi o sanfoneiro?

— Não foi. Pelo menos para o segundo crime ele tem um álibi perfeito. Tocava sanfona, àquela hora, para quarenta crianças doentes, um médico e quatro enfermeiras. Se um crime tem relação com o outro, João está livre. O motivo não foi o simples roubo de uma sanfona velha. Foi outro.

— Qual?

— Herança.

— O que o assassino pretendia herdar? Cacarecos?

— Continue empurrando. A pessoa que matou Alexandre sabia que ele acabara de ganhar uma fortuna na loteria. Ambos acompanharam os últimos resultados pelo rádio. Alguns times importantes tinham sido derrotados. Muitas zebras. O próprio Boa-vida deve ter feito o cálculo para o assassino.

— O que essa pessoa tinha ido fazer lá?

— Emprestar dinheiro a Alexandre. Não gostava de que aparecesse em seu apartamento ou na empresa onde trabalhava. Marcou o dia e hora e cumpriu com a promessa. Depois, viajaria. Encontrou Boa-vida cheio de esperanças com o ouvido no rádio. Fumaram e tomaram café, aguardando o encerramento do 13.º jogo.

— Viro à direita?

— Vire à direita. Não posso dizer se o criminoso teve a idéia de matar Alexandre antes do encerramento do último jogo ou logo em seguida. Mas, de qualquer maneira, supondo ser o único parente vivo e conseqüentemente o único herdeiro, decidiu agir. O cartão ficaria lá mesmo para ser encontrado pela polícia. Assim que fosse revelado o nome do novo milionário, seu único herdeiro apareceria.

— E quanto à arma, Gino?

— Estava lá, pendurada à parede. Um presente de Elvira. Poderia ser outra qualquer.

Ao fazerem uma curva, Gino viu o velho, já acordado, movendo-se em seu banco. O boxer e o treinador estavam agora atrás deles. A ama parara com o bebê à sombra de uma árvore.

— À esquerda ou quer parar um pouco?

— Cansado?

— Não.

— Então entre à esquerda. A pessoa viajou e voltou dias mais tarde sem despertar suspeitas. E por que despertaria, com seu passado tão limpo? Esperava que se anunciasse quem fora o ganhador da loteca quando soube que Alexandre era casado. Havia uma herdeira. Cometera um crime inútil. Era, porém, tarde para recuar e estava com a mão na massa.

— Está na hora do homem vir?

— Ainda não. Para compensar a desagradável notícia da herdeira, surgiu a suspeita contra João Valentão. Um cara temperamental, briguento. Já brigara inclusive com Boa-vida. Um suspeito caído do céu. Para implicá-lo ainda mais, houve os telefonemas ameaçadores. O segundo crime já estava em ação. E foi mais difícil que o primeiro, exigiu mais sangue-frio.

O outro parou de empurrar a cadeira.

— Pode provar tudo isso?

— É um trabalho para a polícia. Ela teria que interrogar o pessoal dos hotéis, conferir datas e horários. Talvez ele nem tenha feito a segunda viagem. Quase posso afirmar que não.

A cadeira tornou a ser empurrada, agora em ritmo mais lento.

— Qual é seu plano?

— É ótimo lidar com pessoas inteligentes. Não entendo de questões de herança, coisa muito complicada, só para advogados, mas é provável que acabe recebendo a fortuna. Nesse caso...

— Quanto vai querer?

— Trinta por cento. Razoável, não?

O outro foi empurrando a cadeira na direção da avenida.

Gino não viu mais o treinador e o boxer. O velho desaparecera do banco.

— Trinta por cento? Razoável, sim.

— Você deposita o dinheiro em minha conta. Nem minha velha saberia do encontro.

— Escute... Se João Valentão tem um álibi, então, é capaz...

— Não tenha receio. Muriçoca foi detido outra vez.

— Foi mesmo?

— Quando viajava para o Nordeste.

O homem que empurrava a cadeira de rodas encheu os pulmões de ar.

— Esta, ignorava.

A cadeira aproximava-se da avenida, uma via de trânsito intenso e rápido. Gino pressentiu o perigo. Um acidente podia estar sendo planejado. Olhou para os lados. Não viu ninguém que pudesse socorrê-lo.

— Para onde está me levando?

— Vamos tomar um café no outro lado da avenida.

— Não quero café. E pare de empurrar. Está na hora de virem me buscar.

O outro lançou à praça um olhar panorâmico.

— O momento exige um bom café, vamos.

A cadeira rodava já perto da calçada. Automóveis passavam velozes pelo centro da avenida, enquanto ônibus e caminhões circulavam pelas laterais.

— Pare! — gritou Gino.

— Por que está com tanto medo? — perguntou o homem, admirado.

— Você quer me jogar na frente de um caminhão.

— Acha que faria isso?

Gino viu um possante caminhão à distância. Os ruídos mecânicos daquele turbilhão abafariam seus gritos. Tentou forçar de um lado e outro a queda da cadeira, o que o salvaria do atropelamento, mas as mãos firmes do assassino mantinham-na equilibrada.

— A polícia sabe que estou aqui — disse Gino, sentindo que aguardava a aproximação do caminhão: a arma para o terceiro crime.

O outro não acreditou.

— Você é um rapazinho esperto e malicioso — disse. — Mas marcou lugar errado para o encontro.

Gino segurou as rodas com as mãos, esforço desesperado para travá-las. Surpreendido com o expediente, que imobilizava a cadeira, o criminoso recuou um passo concentrando forças para atirá-la ao leito da avenida com os braços estendidos e o auxílio de um pé.

— Você está cercado! — berrou Gino, percebendo que não poderia, apenas com as mãos, conter o impulso decisivo.

O outro não se importou com apelos e ameaças.

— Adeus, garoto!

Gino viu-se com a cadeira no meio da rua.

O caminhão brecou. Tarde demais. Já esmagara o carrinho de bebê que a ama — por quê? — empurrara contra o pára-choque.

Sandoval ao virar-se para fugir, sem entender exatamente o que acontecera, foi atacado pelo boxer, atiçado pelo treinador. O velho, que fingira dormir no banco da praça, puxara um revólver. Noutra mão, segurava uma cabeleira: era o investigador Lima.

— Mãos ao alto! — bradava o doutor Arruda, também armado.

Atrás do delegado, com a língua de fora, corria Leo.

Sandoval não opôs resistência: quando o cão lhe rasgou a calça na altura da coxa, perdeu a elegância e a coragem.

Leo foi retirar a cadeira do meio da avenida.

— Esta é minha última idéia heróica — prometeu Gino.

— Não exagere — rebateu o primo, rindo. — O caminhão só pesa dez toneladas.

Mais abatido que Sandoval estava o caminhoneiro. Fora do veículo, com as mãos à cabeça, vendo o carrinho de bebê em pedaços, chorava:

— Matei uma criança!

A policial feminina, a ama, acercou-se dele.

— O senhor tem filhos?

— Uma menina — balbuciou.

O caminhão brecou. Tarde demais. Já esmagara o carrinho de bebê que a ama empurrara contra o pára-choque.

Ela entregou-lhe uma boneca ligeiramente avariada, que levara a passeio aquela manhã.

— Dê a ela de presente. Fala papai e mamãe.

UM POUCO ALÉM DO FIM

Sandoval confessou.

Apesar de deprimido, reagiu com alguma animação quando viu entrarem na delegacia jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas. O homem vaidoso do primeiro encontro com Gino, Leo e Ângela reapareceu. Penteara os cabelos e abotoara-se com correção. E alguém na polícia costurara sua calça.

— Quando Alexandre disse que pretendia esbanjar toda sua fortuna em viagens ao redor do mundo, fiquei com inveja. Era prêmio demais para um vagabundo. Peguei o sabre como se quisesse brincar com ele. Parecia que o destino me dava uma oportunidade que não podia jogar fora. Boa-vida dançava, cantava e gargalhava comemorando os 13 pontos. Achei que aproveitaria o dinheiro melhor que ele. Depois, quem sabe se decepcionasse com a Europa. E o meu trem para o interior já ia partir...

— O que fez depois?

— Enfiei o cartão da loteca dentro de um daqueles folhetos, enterrei a arma num saco de cimento e saí.

— Por que não roubou o rádio e não retirou o dinheiro do bolso para que parecesse roubo?

— Sou um criminoso improvisado — respondeu Sandoval ao delegado. — Nem pensei nisso como também não desliguei o rádio.

— E quando soube que ele era casado, como reagiu?

— Preferi nem conhecer Elvira porque sabia que teria

de matá-la. Naquela manhã fui o primeiro freguês a entrar na loja. Perguntei o preço de um canário, receando que me reconhecesse pela fotografia dos jornais — saímos na mesma página — ela não me reconheceu. Quando puxei a peixeira, arma escolhida para reforçar as suspeitas contra o sanfoneiro, julgou tratar-se de um assalto. Correu para os fundos. Na perseguição, derrubei e pisei em gaiolas. Mas a alcancei.

— E como fez os telefonemas? — perguntou um dos jornalistas.

— Foi um requinte para me livrar de desconfianças. Usei um papel de seda no bocal. Como não conhecia João Valentão e portanto não podia imitar sua voz, disse que era um amigo dele: deu certo.

— E quanto ao cartão da loteca? — perguntou outro repórter.

Sandoval deu uma risada puxada para o lado.

— Foi o que mais me intrigou. Se o primo tinha ganho milhões, como nós dois havíamos conferido, jogo por jogo, por que os jornais não noticiavam o nome dele? Quando vim à delegacia esperava que me dessem o cartão guardado dentro de um dos folhetos. Isso não aconteceu. Soube, depois, que outros dois ganhadores receberam seus milhões, mas que um deles, com assinatura e endereço ilegíveis, não fora ainda localizado. Casos assim acontecem com alguma freqüência, mesmo estado vivo o ganhador. O que me cabia fazer? Comparecer à Caixa Econômica e reclamar o prêmio para meu primo morto, atraindo suspeitas sobre mim? Foram dias terríveis... até que Gino encontrou o cartão e o jogador foi identificado.

A moça da Polícia Feminina, que jogara o carrinho do bebê diante do caminhão, fez a última pergunta:

— Com franqueza: em algum momento teve receio de ser apanhado?

— Não tive — respondeu o primo-irmão de Boa-vida. — Sentia-me como um ator que representasse com perfeição seu papel, embora sem direito a palmas. O que me preocupava, isso, sim, era embolsar a herança e empregar o dinheiro. Nem sonhava ser desmascarado e muito menos por um rapazinho que vive numa cadeira de rodas.

Não fora a última pergunta, havia mais esta:

— Não acha que há aí alguma lição?

— Pode ser — admitiu Sandoval à moça da polícia. — Mas, seja qual for, com dois crimes nas costas e mais uma tentativa de assassinato, não me sobrará tempo para aproveitá-la. Querem tirar mais fotografias? Se quiserem, nada de cerimônias.

●

Os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas concentraram-se depois no trio: Gino, Leo e Ângela.

Ângela respondeu às perguntas com sorrisos. Leo apenas disse:

— Façam perguntas a Gino, foi quem agarrou a fera.

— Como descobriu que era Sandoval o criminoso? — perguntaram.

— Por exclusão — respondeu. — Já havíamos desconfiado de Elvira, mas ela foi assassinada. Slang Shie, que poderia tê-la matado, possuía um álibi. E João Valentão, mesmo perseguido, dava um *show* de sanfona para crianças doentes quando mataram Elvira. Ora, quem matara Boa-vida provavelmente também matara sua mulher... Restaram como suspeitos Muriçoca e Sandoval. Mas Muri não tinha motivo aparente, enquanto que Sandoval era o herdeiro do joão-ninguém milionário. Então, mesmo sem ter certeza plena, arquitetei o plano da praça. E quase me torno a terceira vítima.

●

Na manhã seguinte Leo, Gino e Ângela deram uma longa volta pelo bairro. As pessoas que os conheciam, e que haviam lido nos jornais como terminara o crime da sanfona, sorriam-lhes ou paravam para acenar.

Gino, mais tranqüilo, e feliz com a notícia de que o sanfoneiro fora posto em liberdade, comentou alegre:

— Estamos famosos no Bexiga!

Logo além ouviram um ronco de avião e olharam ao mesmo tempo para o céu.

— Pobre Boa-vida! — exclamou Leo. — Se estivesse vivo já estaria voando ao redor do mundo!

Ângela, ao baixar os olhos, viu alguém conhecido:

— Lá vai o Muriçoca bem depressinha à procura de emprego.

— Continua tentando — disse Leo.

Gino deixou de acompanhar o vôo do avião no espaço azul e desceu um olhar inesperadamente triste.

— Quanto será que custa uma sanfona? — perguntou.

— Sei lá! — disse Leo.

Mas Ângela adivinhou a intenção oculta na pergunta de Gino.

— Quer dar uma de presente a alguém?

— Queria — confirmou Gino.

Leo, que empurrava a cadeira de rodas, entendeu, já de acordo com o primo.

— Boa idéia! Contem comigo. Afinal um sanfoneiro pode fazer mais falta que um milionário.

FIM